



Início às 10h02min

1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 10ª
(DÉCIMA)
REUNIÃO ORDINÁRIA
DA CPI PARA INVESTIGAR OS ATOS OCORRIDOS EM 12 DE DEZEMBRO
DE 2022 E 08 DE JANEIRO DE 2023, ESPECIALMENTE CONTRA OS
PODERES DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL,
DE 4 DE MAIO DE 2023.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Declaro aberta a 10ª Reunião Ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar os atos ocorridos em 12 de dezembro de 2022 e 08 de janeiro de 2023, especialmente contra os Poderes da República Federativa do Brasil.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Informo a esta Casa que estamos recebendo os assessores do General Dutra e do General Heleno, que vieram a este plenário certificar-se de como as coisas funcionam aqui para o dia do depoimento deles. Sejam bem-vindos. Estamos felizes com a presença de vocês.

Informo que esta reunião está sendo transmitida pela *TV Câmara Distrital*.

Solicito aos Deputados que registrem as suas presenças. (Pausa.)

Encontram-se presentes o Deputado Chico Vigilante, o Deputado Fábio Félix, o Deputado Hermeto e o Deputado Joaquim Roriz Neto. Portanto, há *quorum* regimental para o início dos nossos trabalhos.

Lembro aos Deputados presentes que só os membros titulares podem votar. Os Deputados suplentes votam apenas quando os titulares não estiverem participando da reunião.

Expedientes.

Sobre a mesa, a seguinte ata de reunião anterior:

- [Ata da 9ª Reunião Ordinária, de 27 de abril de 2023](#), considerando que a 8ª Reunião Ordinária, prevista para o dia 19 de abril de 2023, foi cancelada.

Tendo em vista a divulgação prévia da ata, pergunto aos Deputados se podemos considerar como lida e aprovada a referida ata.

DEPUTADO HERMETO – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esta Presidência vota “sim”.

A referida ata está aprovada com 4 votos favoráveis. Houve 3 ausências.

Assim sendo, não havendo objeção, esta Presidência dispensa a leitura e dá por

aprovada sem observações a ata mencionada.

Pergunto ao Relator, Deputado Hermeto, se tem alguma consideração a fazer no momento.

DEPUTADO HERMETO – O item extrapauta relativo à convocação do Coronel Klepter. Já foi feito um pedido aqui.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vamos submeter à votação agora.

DEPUTADO HERMETO – Também quero parabenizar os generais que mandaram seus oficiais para fazer a verificação. Fico muito feliz, porque é sinal de que eles vão vir e, como vão vir, não têm nada para esconder. Vão encarar uma CPI. Parabéns.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quero informar que estamos seguindo a ordem numérica das reuniões. Então, mesmo que uma reunião seja cancelada, vamos continuar seguindo a sequência numérica. Adotaremos o mesmo procedimento para uma melhor organização interna da secretaria da comissão, visto que será grande o número de reuniões que esta CPI ainda terá.

Informo também o calendário atualizado das oitivas dos meses de maio e junho. Hoje ouviremos o Sr. Aduino Lúcio de Mesquita; no dia 11 de maio, ouviremos o Coronel Fábio Augusto Vieira, da Polícia Militar do Distrito Federal; no dia 18, será a vez do General Gustavo Henrique Dutra de Menezes, ex-Chefe do Comando Militar do Planalto; no dia 25, será o Sr. José Acácio Serere Xavante; no dia 1º, será o General Augusto Heleno Ribeiro Pereira; no dia 7 de junho, ouviremos o Coronel Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, da Polícia Militar do Distrito Federal; no dia 17, ouviremos o General de Divisão Marco Edson Gonçalves Dias, ex-Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República; e, no dia 22, ouviremos o Sr. Alan Diego dos Santos.

Matéria extrapauta.

Discussão e votação do Requerimento nº 147/2023, de autoria do Deputado Hermeto, que "Requer a convocação do coronel klepter rosa oficialmente comandante-geral da polícia militar do distrito federal para prestar esclarecimentos sobre os fatos ocorridos em 12 de dezembro de 2022 e 08 de janeiro de 2023".

Em discussão.

Concedo a palavra ao Deputado Fábio Félix.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX (PSOL. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, acho que, ao longo das últimas oitivas, esse requerimento do Deputado Hermeto se mostra cada vez mais necessário. É importante lembrar que o Deputado Pastor Daniel de Castro havia apresentado esse requerimento num primeiro momento. Depois, em um acordo da CPI para a gente ouvir mais depoentes, ele retirou o requerimento de pauta naquele contexto.

Agora, a gente lida com uma situação importante, um debate importante na CPI, inclusive relacionado a um termo técnico que foi discutido nos últimos depoimentos, que é o conceito de prontidão e o conceito de sobreaviso, porque houve uma ordem, na véspera do dia 8 de janeiro, para que a Polícia Militar ficasse de sobreaviso, e não de prontidão. Se estivessem de prontidão, estariam nos quartéis para atender de forma mais célere o chamado, a urgência, a emergência do momento.

Então, no caso, a gente quer saber quem orientou o Comando da Polícia Militar tecnicamente para que essa decisão fosse tomada, porque acho que essa, sem dúvida, é uma testemunha-chave nesse contexto.

Além disso, acho que o Coronel Klepter pode contribuir também como alguém que era Subcomandante-Geral naquele contexto – então, tem que responder à Comissão Parlamentar de Inquérito –, bem como pode trazer para nós a perspectiva técnica dele sobre os fatos que aconteceram naquele dia, estando ele agora também na função de Comandante-Geral da PM. Portanto, acho que é um requerimento necessário. Inclusive, acho que nós deveríamos colocá-lo no lugar privilegiado dentro do cronograma que V.Exa. apresentou.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Continua em discussão.

Concedo a palavra ao Deputado Joaquim Roriz Neto.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO (PL. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Presidente.

Eu gostaria de reforçar justamente isso que os outros Deputados falaram. É muito importante a gente ter a convocação do Coronel Klepter para prestar esclarecimentos, e não necessariamente vir como uma pessoa que é culpada ou inocente. A gente precisa ouvir a perspectiva do coronel.

Da mesma forma, eu acredito que a gente deveria ter convocado outras pessoas para poder, justamente, prestar essa perspectiva. É justamente o que o Deputado Hermeto falou: “Quem não deve não teme”.

Eu fico com essa dúvida, porque a única pessoa que queríamos convocar, necessariamente, que poderia prestar algum esclarecimento, nos foi negada na semana passada, o Sr. Adriano Machado. Se ele não deve, ele não teme.

Se o Sr. Adriano Machado tivesse sido testemunha ocular de um assassinato, ele não seria chamado à polícia para prestar esclarecimentos? É algo que eu queria só ponderar aqui: todo mundo é convocado, todo mundo é chamado, de todas as esferas, de todas as profissões, menos o Sr. Adriano Machado, que parece que é acima da lei.

Mas eu agradeço a inclusão do Coronel Klepter. Eu parabenizo a atitude.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Continua em discussão.

Concedo a palavra ao Deputado Hermeto.

DEPUTADO HERMETO (MDB. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu disse para colocar o Coronel Klepter justamente porque ele está no fato, está no exercício do comando. Mas ele mesmo, ele próprio, quer ser convocado. Disse que não deve nada, não teme.

Então, nós vamos colocá-lo, Deputado Chico Vigilante, mais um pouco à frente, vamos já dizer o cronograma aqui. Como eu disse, Deputado Joaquim Roriz Neto, aqui ninguém tem ninguém de estimação, não. Aqui nós estamos em uma CPI, na qual a verdade tem que prevalecer.

O meu relatório não terá, em hipótese alguma, nenhum tipo de parcialidade. Será totalmente imparcial, tanto no que tange à Polícia Militar, quanto no que tange ao Exército, aos fomentadores, a todos eles. O relatório será preciso.

Então, quem os senhores acharem que têm que convocar, nós vamos convocar. Pode ser a, b, c ou d, pertencer à PM, pertencer ao Exército, pertencer à Secretaria de Segurança, qualquer um. Eu acho que nós estamos no caminho certo.

Obrigado Sr. Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Continua em discussão.

Concedo a palavra ao Deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO (PP. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente; Sr. Relator; Deputado Fábio Félix; Deputada Jaqueline Silva; Deputado Joaquim Roriz Neto.

Parabéns, Deputado Hermeto, por esta iniciativa. Acho que o Coronel Klepter é uma peça fundamental. Mas, Deputado Hermeto, por ser este requerimento de V.Exa. extrapauta, eu queria fazer uma sugestão: que o Coronel Klepter não viesse por convocação. Que ele venha a esta Casa como testemunha, a convite, e como testemunha.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Deputado Pastor Daniel de Castro, nós tomamos a decisão – V.Exa. está lembrado – de que tudo agora será por convocação. Não vamos mais convidar ninguém.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Então, que seja por convocação, mas

como testemunha, porque ele não é investigado.

DEPUTADO HERMETO – Ele não é indiciado, não. Ele não está indiciado, não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Então! Que ele venha como testemunha.

DEPUTADO HERMETO – Naturalmente, ele virá como testemunha e não como indiciado.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Perfeito.

DEPUTADO HERMETO – Os que virão aqui como indiciados já foram estabelecidos.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – É muito importante, inclusive, a fala do Deputado Joaquim Roriz Neto. Ela se torna extremamente importante, porque, assim, na nossa visão aqui, temos sido parceiros os sete membros desta Casa.

Todas as convocações foram votadas por quase unanimidade. Se não há alguém de estimação, houve na CPI passada. Nós não estamos pedindo nada de mais. Se há uma função nobre que eu acho que todos nós aqui respeitamos ao extremo e somos solidários a ela em qualquer situação, é a imprensa, a liberdade de imprensa, de poder falar o que quiser. Ninguém está jogando contra a imprensa, e eu imagino que nós jamais o deixaríamos. Mas aquele moço que estava ali fotografando é importante nesta Casa.

Por isso, eu queria até sugerir, Deputado, que nós pedíssemos agora, de forma extrapauta, novamente, a convocação daquele senhor. Ele precisa vir aqui não na condição de jornalista, mas na condição de cidadão, porque eu acho que ele não estava lá como jornalista, não. Ele pode ter estado lá contratado por aquele grupo que não era de Brasília, que veio de fora, fazendo foto para exibir nas redes sociais. Então, ele pode ter informação extremamente importante para nós.

Rogo aos senhores, se não têm ninguém de estimação, que o convoquemos outra vez, porque senão vai parecer que têm, sim, alguém de estimação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Obrigado, Deputado.

Continua em discussão. (Pausa.)

Não havendo mais quem queira discutir, encerro a discussão.

Em votação.

Solicito aos Srs. Deputados que manifestem os seus votos. Os que votarem "sim" estarão aprovando o requerimento; os que votarem "não" estarão rejeitando-o.

DEPUTADO HERMETO – Sim. Pela convocação do Coronel Klepter.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim. Voto pela convocação, Sr. Presidente.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Sim. Também pela convocação, Sr. Presidente.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Sim. Pela convocação.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Sim. Também voto pela convocação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esta Presidência vota "sim", pela convocação.

O requerimento obteve 6 votos favoráveis. Houve 1 ausência.

Está aprovado. Está convocado o Coronel Klepter.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sr. Presidente, solicito o uso da palavra.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX (PSOL. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, antes de passarmos para o depoimento, eu queria muito rapidamente fazer uma questão, só para tentar colaborar com a discussão e os nossos trabalhos.

A gente tem recebido nesta Casa uma série de depoentes, e todos os Deputados têm o seu tempo ofertado para fazer as perguntas. Eu acho que isso faz parte da dinâmica da oitiva.

Eu acho que alguns Parlamentares têm gastado todo o seu tempo apenas com pronunciamento. Eu acho que, na dinâmica em que a gente está hoje, é legítimo, não é um problema, mas eu queria sugerir aos Deputados – depois, a gente pode fazer uma reunião para discutir isso – que a gente, talvez, fizesse reuniões da CPI para pronunciamentos dos Deputados, até mais longos, no plenário.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Deputado Fábio Félix...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Só para concluir minha questão, Sr. Presidente.

Eu acho que, sobre o depoimento, a gente pode até discorrer, colocar as nossas elaborações, mas ficar focado também nas oitivas, a gente fazer as perguntas diretas aos depoentes. Senão, infelizmente, os Deputados farão 25 minutos de discurso e não farão uma pergunta para as pessoas que estão sentadas aqui, à frente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Deputado Fábio Félix, são 25 minutos para os titulares e 15 minutos para os suplentes. Eles vão usar como achar melhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu faço essa observação. Eu fico até com pena dos depoentes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eles vão usar como eles acharem melhor. Eu vou fazer as perguntas; o Deputado Hermeto vai fazer as perguntas. Portanto, são 25 minutos.

A população que está assistindo aí fora vai fazer o julgamento. Eu não tenho como determinar o que o Deputado vai falar.

DEPUTADO HERMETO – Sr. Presidente, solicito o uso da palavra.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO HERMETO (MDB. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, só complementando o que o Deputado Fábio Félix falou, eu concordo com o Deputado Chico Vigilante, Deputado Fábio Félix: cada um utiliza seus 20 a 25 minutos da forma que quiser. Se eles quiserem falar deles, deixe falarem.

É como disse o Deputado Chico Vigilante: há televisão aqui, está todo mundo vendo. Aqui se está sabendo quem está querendo fazer um trabalho sério. A população pode saber quem quer fazer palanque político. Então, os julgadores são a própria população e os próprios depoentes.

Aqui ninguém pode cercear o direito. Se o cara quiser falar dele, ele vai falar nos 25 minutos dele, nem que não faça nenhuma pergunta, mas está sendo transmitido, e o juízo de valor quem faz é a população.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado, Relator.

Peço que tragam a este plenário o Sr. Aauto Lúcio de Mesquita, empresário do Distrito Federal – que será o depoente do dia de hoje.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Encerraram os debates, Deputado Pastor Daniel de Castro. Agora vamos às oitivas. Na verdade, é o Aauto que irá depor hoje. (Pausa.)

O Sr. Aauto já foi devidamente qualificado pela Polícia Legislativa, portanto vamos agora às perguntas. Eu informo que os Deputados titulares terão 25 minutos e os Deputados suplentes terão 15 minutos.

Sr. Aauto Lúcio de Mesquita, esclareço que o senhor está diante de uma comissão parlamentar de inquérito na condição de investigado e, como tal, tem o direito de permanecer em silêncio, de não produzir provas contra si mesmo e de ser assistido por advogado. V.Exa. está sendo assistido aqui pelo advogado, que teve um comportamento excelente na oitiva passada, o Sr. Joveci. Portanto, o senhor está muito bem acompanhado de advogado.

Faço a primeira pergunta ao senhor. O senhor doou algum valor para campanhas

eleitorais nas últimas eleições? Se sim, pode dizer o valor e para quem foi a doação?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Bom dia, Presidente. Bom dia, Sras. e Srs. Deputados, bom dia à imprensa que aqui está presente, aos agentes de segurança e a todos os servidores da Casa. Presidente, eu gostaria de agradecer imensamente por esta oportunidade. Esta Casa Legislativa que eu tanto admiro está me dando essa chance de explicar, de esclarecer os fatos. Eu me sinto muito confortável nesta Casa, embora eu não tenha o hábito de falar em público. Eu nunca fui acusado de nada nos meus 55 anos de idade, mas a palavra aqui é gratidão por permitir que eu pudesse vir aqui esclarecer. Isso aqui é a democracia acontecendo, é a prova de que o Brasil é um país em que a democracia funciona e as instituições funcionam muito bem. Presidente, eu gostaria, se o senhor permitir, com todo respeito, de, antes de responder, eu contar um pouco, brevemente, para que as pessoas me conheçam, porque eu conheço aqui todos os Parlamentares. Conheço a história de cada um. Alguns não pessoalmente, mas conheço a história. Vários outros conheço pessoalmente. Eu queria ter o prazer de contar rapidamente a minha história. Rapidinho. Eu posso? O senhor me permite?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou conceder dez minutos para o senhor contar a sua história, só, antes, dizendo que essa boa vontade que o senhor está tendo aqui, hoje, de vir à CPI o senhor não teve ontem, porque o senhor foi ao Tribunal de Justiça duas vezes tentando que fosse autorizada a sua não vinda aqui hoje. O senhor tem 10 minutos para contar a sua história.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Está certo, Excelência. Obrigado. Então, senhores, eu sou Adauto Lúcio de Mesquita, 55 anos de idade, mineiro, nasci em Unaí, Minas Gerais. Fui para Formosa com poucos dias de vida. Fiquei lá até os 26 anos de idade, Presidente. Família humilde, pobre mesmo. Pobre, pobre mesmo. Moramos sempre de aluguel, família com oito filhos, meu pai e minha mãe. Meu pai sempre teve aquela doença chamada epilepsia, que no passado era doença, hoje em dia não tem mais esse problema. No passado ele trabalhava de pedreiro, caía de teto, e eu trabalhando com ele, eu mais o meu irmão. E a nossa história é de muita luta. E eu digo isso com orgulho. Graças a Deus. Já fiz de tudo na vida. Só não fiz nada errado na vida. Graças a Deus também. Eu até, antes disso, peço a Deus muita clareza de ideias e clareza nas minhas palavras para que eu possa responder às perguntas de V.Exa. Então já fui tudo que o senhor possa imaginar naquela cidade de Formosa, cidade que eu amo também, que foi a que me acolheu primeiro. Excelência, com 26 anos de idade eu vim para Brasília puxando a cachorrinha. É um termo muito usado, não é? Eu vim para Ceilândia, me estabeleci em um barraco de fundo de um amigo, filho de um amigo meu que morava em Formosa, e fiquei lá por seis meses. Do mês de outubro de 1994 até o mês de abril de 1995. Naquela época eu tinha que empreender, eu tinha que começar a minha vida empresarial. Eu sabia o que queria, mas não sabia como começar porque eu não tinha capital, e comecei comprando fardo de pipoca, vendendo em porta de escola, vendendo em sinaleiro, e assim foram os seis meses enquanto eu me preparava para abrir meu primeiro negócio. Deus me iluminou e eu arrumei uma oportunidade em Samambaia, na Quadra 412, e comecei, montei lá uma distribuidora de doces em abril de 1995. Presidente, foram três anos e seis meses a partir de abril de 1995 que eu não visitava a minha mãe, eu perdi casamento de irmã, eu perdi formatura de irmão, perdi velório de parente na cidade de Formosa porque eu estava cuidando do negócio. Fazendo o negócio crescer e trabalhando realmente com muita vontade e muita honestidade, que é obrigação de todo mundo. Não é mérito. A empresa foi crescendo. A dedicação era 100%. A empresa foi crescendo, desenvolvendo. Com a ajuda de Deus e a nossa vontade de trabalhar, que sempre existiu, a empresa prosperou, cresceu. Até hoje eu trabalho muito. Graças a Deus. Não é porque é obrigação. É porque eu gosto, né? O meu pai, Presidente, o meu pai sempre falou uma coisa e fala – o meu pai é vivo, tem 81 anos de idade –, meu pai fala até hoje assim: “Filho, você pode nascer, crescer, envelhecer e morrer pobre ou rico, mas nunca saia da reta. Siga sempre o caminho reto.” Meu pai fala sempre isso. Sempre falou. Fala até hoje. A minha mãe tem 76 anos de idade, Presidente. Meu pai mora em Brasília. Já minha mãe mora em Formosa. São separados. E a minha mãe fala – como é que a mulher é mais doce, né? –, a minha mãe fala até hoje, eu ouço da minha mãe isto quase todo santo dia. Ela fala assim, Presidente: “Filho, você tem que trabalhar menos, tem que aproveitar mais a vida, tem que

viver mais! Você não precisa trabalhar esse tanto. Você vai envelhecer e não vai ter saúde!” Mas ela..., ela já entende. Ela fala isso, mas já entende que eu faço porque amo fazer, porque gosto, porque tenho um prazer imenso. E qual é o prazer imenso do empreendedor? É gerar emprego. E muito gostoso, é muito bom gerar emprego, é muito bom gerar renda e ver a alegria no olhar da pessoa quando é contratada. O maior prazer do empreendedor é quando ele contrata, e a maior tristeza é quando ele demite. E meus amigos, Presidente, também falam muito isso. Aqui embaixo, eu fui recebido por um amigo de 82 anos de idade. Eu tenho muito amigo mais velho do que eu que me dá conselho e eu ouço. Ele falou para mim, bem aqui embaixo: “E agora, depois desse sufoco, você vai desacelerar?” Mas ele sabe que eu não vou desacelerar. Não é o meu perfil. O meu perfil é outro. O meu perfil é trabalhar, é empreender. Certo? Eu vou ser mais breve aqui agora. Tem três momentos na vida, Presidente, três momentos duros na minha vida. Eu tive trezentos, mas esses três marcaram. Em 2012, eu tive um câncer que foi metástase, um ano e meio de tratamento. Muito sofrimento, muita dor. Mas a pior parte da doença foi cuidar das outras pessoas. Foi perceber o sofrimento do meu filho, que estava com 8 anos; da minha mãe; do meu pai; dos meus amigos. Depois, em 2020, tive Covid, em julho. Mesma coisa, 11 meses de UTI. Eu ia ser intubado. Graças a Deus, eu não permiti ser intubado. Estou aqui hoje para contar a história. E, mais uma vez, a minha dor de cabeça, o meu peso era cuidar das pessoas de novo: cuidar da minha mãe, de todo mundo. E agora, este momento para mim aqui estava sendo muito difícil, excelência, porque depois que algumas notícias saem, são jogadas, muitas não são verdadeiras. Algumas são verdadeiras, muitas não são verdadeiras. O meu pai provocou um ataque cardíaco e ficou três dias na UTI, coisa de poucos dias atrás. Mais uma vez eu me vi sofrendo pelos outros. Por mim, eu estou tranquilo, porque eu sei que eu não fiz nada de errado. O meu pai sofreu não porque ele acha que eu fiz algo de errado, é porque ele sabe que eu estou sendo injustiçado. Ele tem certeza disso! A mesma coisa a minha mãe, que está entrando em depressão profunda; a mesma coisa meu filho, que me liga todo dia chorando. Todo dia. Eu sou separado da mãe dele. Mais uma vez, eu estou enfrentando uma barra pesada. Eu perdi sete quilos e meio. “Ah, mas você perdeu por quê? Quem não deve não teme”, mas não é tão simples assim. Não é só assim. Eu não devo, não temo, mas sofro. Sofro ao ver as pessoas que eu amo sofrendo. Eu pediria, V.Exa., que repetisse a pergunta, por favor, porque eu me distraí um pouquinho. Obrigado, gente, por me ouvirem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor doou algum valor para a campanha eleitoral, nas últimas eleições? Se sim, o senhor poderia dizer o valor e a quem foi doado?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim, Presidente, doei para a campanha do Presidente Bolsonaro um valor de 10 mil reais, direto para a campanha dele. Está aqui o comprovante.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor está falando a verdade, porque nós temos o comprovante em mãos.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Dez mil.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Dez mil.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como todos sabem, após o resultado das eleições e derrota do ex-Presidente da República, extremistas acamparam em frente ao Quartel-General do Exército brasileiro, manifestando-se contra o Presidente eleito, o TSE e o STF. Portanto, estavam lá clamando contra o Presidente eleito, contra o STF e o TSE, e clamando por uma indevida intervenção federal. Indago: o senhor e seu sócio Joveci financiaram esses atos antidemocráticos? O senhor participou, efetivamente, desses atos? O senhor convocou a população para participar desses atos? O senhor esteve no acampamento do QG? Quantas vezes o senhor esteve lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, eu estive no QG de três a quatro vezes, não passou disso, três ou quatro vezes. Eu não fui lá em nenhum momento de horário comercial, porque eu trabalho realmente, muito. O que eu me lembro de fato, no dia em que eu estive, porque eu fui mais efetivo, foi no dia 2 de novembro. Nesse dia. Eh... Então foi de

três a quatro vezes que eu fui lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou pedir para passar um vídeo aqui, o vídeo nº 1, porque eu quero saber se o senhor participou daquilo ali, se o senhor contratou o trio elétrico que eu vou mostrar agora. Por favor, o vídeo.

(Exibição de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor estava lá, não é?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E convocando o povo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É um vídeo meu, né? Um vídeo do meu celular. Eu gravei. Foi uma *selfie*, um vídeo de *selfie*. Mas a gente se empolga Deputado, Presidente, não é... Eu não sou nenhum *influencer*, eu não tenho essa capacidade de captar gente. Eu não tenho...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas qual era o objetivo de chamar o pessoal para o QG e depois ir para Esplanada? Era a tomada do poder?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. A Esplanada, eu nunca participei de nada na Esplanada. Nesse movimento político pacífico do QG, foram de três a quatro vezes que eu fui. Nunca, nunca imaginei, nem minha cabeça imaginou ir para a Esplanada... Na minha cabeça nunca...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o objetivo era a tomada do poder?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não. Excelência, lá no QG...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não estava lá com o objetivo dos demais, que era tomar o poder, destituir o Presidente, destituir os ministros da Suprema Corte? Não era esse o objetivo do acampamento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não. Presidente, com todo respeito, o QG... Talvez aqui tenha alguns Deputados que participaram, que foram lá. Eu não participei. Eu fui.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Que boa lembrança a do senhor! Que Deputados o senhor viu lá no QG?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu falei talvez. Eu não vi nenhum. Eu falei talvez. Se eu fui lá três ou quatro vezes, eu não vi. Eu passei por lá. Eu não vi Deputado nenhum lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor levou alimentação para aquele pessoal do QG, das suas empresas?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Mas antes, deixa eu responder a outra pergunta primeiro, Sr. Presidente, com todo respeito?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pode.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Por mais que se tenha essa impressão que o QG era um lugar louco, um lugar que tinha muita gente doida, eu fui lá três ou quatro vezes, excelência. Eu não vi, em momento algum... Eu não vi, até porque eu fiquei pouco tempo – não vi ninguém lá. É claro que você vê uma placa: "Fora" não sei quem! "Socorro, Forças Armadas"! Poxa, você vai numa igreja e você vê gente normal e vê gente doida. Você vai num velório, você não conhece todo mundo, é normal. Lá tinha milhares de pessoas. Eu não sei quantas barracas e quantas tendas...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor contratou quantas tendas para lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, andando por lá...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu estou perguntando se o senhor

contratou e financiou quantas tendas?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Diretamente, nenhuma tenda.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E indiretamente?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não posso afirmar porque eu até trouxe aqui uns comprovantes. Eu tive quatro doações pequenas, que está aqui no meu extrato...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que o senhor chama de doação pequena?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É uma de 100 reais, outra de 110 reais, e outra de mil reais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ah, Sr. Aداuto, eu tenho aqui documentos da Polícia Civil, com depoimentos, com pix, com tudo. Não foram só 100 reais, não. Foi muito dinheiro aqui. Nós vamos, inclusive, distribuir para a imprensa.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Foram três... O que que acontece, Excelência, só continuando. Lá, a gente vai andando no QG... Um deles eu me lembro o que foi. Eu estava andando no QG, e tinha uma tenda com uma cozinha, uma cozinha lá. E umas senhorinhas trabalhando voluntariamente, elas estavam falando: "Estamos aqui pra isso, estamos aqui sem ganhar dinheiro, estamos aqui trabalhando só pelo Brasil". Normal, né? Aí tem lá na tenda assim, em cima, um pix. Aí a mulher começou quase chorando: "Amanhã o pessoal vai tirar a tenda, venceu hoje o aluguel da tenda e amanhã tira, quem quiser ajudar...". Eu fui lá e botei 110 reais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ah, mas o senhor foi um dos coordenadores da arrecadação.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nós temos provas.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Olha, Excelência, como é um inquérito, né? Está em andamento...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – No momento certo isso vai, isso vai se provar...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor foi um dos coordenadores.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Isso vai ser provado que não procede.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor levava alimentação para aquela tenda de alimentação?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca levei alimentação nenhuma para a tenda.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor levou carne ou não?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Também não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Arroz?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Nunca.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Macaxeira? Lá no Maranhão, chamam de macaxeira, aqui a gente chama de mandioca.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, Excelência.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não levou não?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não levei, não. Não levei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nem sardinha?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nem sardinha. Nem sardinha.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Falaram-me que o senhor tinha

levado umas sardinhas lá, umas coisas.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É... São ilações, e, como é um inquérito, e está em andamento, é tudo preliminar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor se arrepende de ter participado daquilo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, se eu sonhasse, imaginasse...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor disse aqui que está vivendo o pior momento da vida do senhor. O senhor se arrepende de ter participado daquele troço?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pois é. Se eu imaginasse, Excelência, se eu imaginasse que fosse chegar nesse ponto, dessa exposição e desse sofrimento, eu realmente não teria ido, não teria participado. Eu me arrependo, sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou lhe fazer outra pergunta.

Antes, porém, registro a presença do Deputado Robério Negreiros, que não chegou em um primeiro momento, porque – eu tomei conhecimento – estava em uma reunião na Secretaria de Planejamento, mas está aqui agora, portanto, o nosso *quorum* agora está completo.

Sr. Adauto, ainda está incluso na denúncia anônima recebida pela Polícia Civil do Distrito Federal, compartilhada com esta Casa, que o senhor e o seu sócio teriam financiado atos antidemocráticos, alugando barracas de lona, banheiros químicos, entre outros itens, bem como fornecendo alimentação aos acampados. Pergunto: isso é verdade? O senhor e o seu sócio realizaram contrato do trio elétrico Coyote, da empresa Trios Coyote e Aquarela Produções Ltda. para as manifestações em frente ao Quartel-General do Exército e à Esplanada dos Ministérios? Vocês contrataram aquele trio elétrico?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, Excelência. Não contratei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem contratou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não sei. Eu posso contar a história do trio para o senhor, se o senhor quiser. Para esclarecer...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou passar o vídeo, e depois o senhor me fala sobre o trio.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim. Tá. Por favor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Dois e três. Os vídeos dois e três, por favor.

(Exibição de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Passem o segundo vídeo.

(Exibição de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sr. Adauto, esse trio foi contratado por 30 mil reais.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Certo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nós temos aqui a listagem de quem contribuiu com o senhor. O senhor é o arrecadador e quem contribuiu junto com o senhor para pagar 30 mil reais. Esse trio, vocês pediram autorização para colocar lá no QG, e foi negada. E aí vocês posicionaram o trio ali em frente à Rainha da Paz. Não, é? Portanto, o senhor participou diretamente da contratação e da arrecadação para o pagamento do trio.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Então, eu posso explicar para o senhor?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por favor, explique. Porque nós temos as provas aqui.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – A nossa vinda aqui é para isso mesmo, é para esclarecer os fatos. Porque existe um inquérito em andamento. Vai ser comprovado tudo no momento certo. Então, foi exatamente assim: esse é do dia 2 de novembro. Certo?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Do dia 2, isso aí.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Dois de novembro. Eu estava no QG, foi o único dia que eu fiquei mais tempo lá, devo ter ficado uma hora no QG nesse dia, no máximo. Andando pelo QG, e estava perto lá, e tinha um carro de som pequeno, um caminhão de som pequeno, porque o som era muito ruim, e lá tinha muita gente, milhares de pessoas. E tinha uma roda perto desse carro de som e um pessoal conversando, e eu conheci o Sr. Rubens nesse dia lá. Que é o proprietário do trio. Eu não o conhecia, eu nunca tinha visto ele antes. E uma roda de pessoas que eu não conheço estava com esse cara e falando: “Ah, porque o som é baixo, o som é pequeno, o lugar é pequeno”. E o Rubens falando: “Pois é, eu sou dono do Coyote”. Eu não sabia o que era Coyote na época, no dia. “Sou dono do Coyote”, tal, tal “e o meu som é o melhor de Brasília” e parará. Aí o pessoal começou a negociar com ele. Eles negociaram com ele. Estavam falando lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem são as pessoas que negociaram?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu não conheço as pessoas. Estavam em uma roda. Eu não sei quem eram. Nunca vi essas pessoas. Não sei nem de onde são. Não sei nem se são de Brasília. Não conheço as pessoas, Sr. Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E porque que foi o senhor que foi receber o Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Então, deixa eu concluir, porque eu chego lá, nesse momento...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom. Bora chegar lá, porque isso me interessa muito.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, mas o senhor vai entender. Então, eu fui nessa roda, me apresentei, falei: sou o Adauto, não falei de onde eu sou, porque eu sou o Adauto, quem está lá não é o empresário Adauto, é o Adauto CPF, não o Adauto CNPJ. CNPJ não vai à rua, CNPJ não vota, CNPJ não manifesta. Adauto, CPF. Eu fui lá e falei: prazer, Adauto. “Eu sou o Rubens, sou o dono do Coyote”. E eu falei: “O que é o Coyote?” “É o trio”, parará. E eles estavam negociando, e eu falei: “Não, moço, ajuda o pessoal, faz um preço melhor. Melhora.” Porque eu sou o comprador da minha empresa. Certo? Eu sou comprador, eu sei comprar. Eu sei pechinchar. Eu tenho habilidade de negociar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Aí o senhor pechinhou para diminuir o preço do Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exatamente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E ajudou a pagar o Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não paguei um centavo de Coyote. Eu não tenho um centavo, graças a Deus, eu não participei...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor deve ser um bom comprador mesmo, porque faz os outros pagarem e o senhor não paga nada, né?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, excelência, na verdade, eles já iam contratar, né? Eu entrei para ajudar. Ajudei, negociaram, na negociação. Pagaram. Ponto. A minha participação no trio foi essa e nada mais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E por que o senhor que foi receber o diabo do Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pois é, o diabo do Coyote, eu não fui receber o Coyote. Eu estava vindo da minha casa, eu fui em casa e voltei e estava vindo, e ele estava parado em frente à Rodoferroviária.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Exatamente.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – E eu gravei esse vídeo. Simples. Não tinha envolvimento com o Coyote diretamente. Eu estava parado na pista, lá parava cem pessoas, duzentas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor viu e ficou eufórico com o tamanho do Coyote, tudo e resolveu gravar um vídeo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, e gravei um vídeo. Foi exatamente isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E, depois, veio esperar o Coyote lá em frente à Catedral Rainha da Paz?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exatamente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E o senhor não tinha nada a ver com o Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não contratei. Eu não contratei, porque, se eles não seguem adiante, eles não iam pegar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas não era o senhor que estava pedindo autorização para colocar o Coyote lá no QG?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca pedi autorização. Nunca pedi autorização para Coyote. Eu não sei nem por onde começa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E por que o senhor foi esperar o raio do Coyote lá na Rainha da Paz?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu não fui esperá-lo lá, não. Eu estava a caminho, e ele estava parado em frente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E aí o senhor gravando, fazendo...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, esse momento de bobeira que a gente faz. Mas é empolgação, né? Nada mais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas por que tanta empolgação com o Coyote?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não era com o Coyote, não. Era com a situação do Brasil. Eu estava querendo manifestar de uma maneira política mais pacífica, né? Em momento algum, na minha cabeça, eu imaginei chutando uma latinha na rua. Nunca, Sr. Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E, quando o senhor viu aquelas imagens do povo quebrando o Supremo, quebrando o Congresso Nacional e quebrando o Palácio do Planalto, como o senhor se sentiu, de certa forma, tendo participado da origem de tudo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Depende da avaliação de cada um, né? Eu acho que não participei daquilo lá. Aquilo lá foi uma coisa estranha, né? Uma coisa que não pode acontecer. Eu não concordo com aquilo lá. É irreal. Excelência, quem mora em Brasília... Eu moro em Brasília há 28 anos... Quem mora em Brasília... se tiver 1% que tem aquela coragem, é muito. Tanto é, que 97% dos que foram presos não são de Brasília.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E, depois que o senhor viu aquela quebradeira toda, o senhor continuou participando das atividades ou não?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Participando depois de que dia?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Depois do dia 8.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, nunca mais, nunca mais. É uma coisa estranha.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não financiou mais ninguém?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Na verdade, é uma coisa tão pequena o que eu participei. Eu até queria entender. Foi tirado do contexto.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que o senhor chama de pequeno? Trinta mil reais é pouca coisa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Presidente, eu não participei com 30 mil reais, eu não gastei 30 mil reais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quanto o senhor gastou com aqueles *outdoors* que foram espalhados pela cidade?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nada. Eu não gastei nada com *outdoor*.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas foi o senhor que contratou os *outdoors*.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Eu não contratei *outdoors*.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O inquérito está apontando isso.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – O inquérito, né, Excelência? Graças a Deus, o inquérito é uma investigação...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E a polícia daqui é muito competente.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu sei que é. São competentes, sim. E vão chegar num veredito, vão chegar numa situação que vão ver que eu não contratei nenhum...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E, se chegar ao senhor, conforme está chegando, o senhor vai dizer o que para a gente?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É porque não vai chegar, né, Presidente? Eu tenho plena certeza de que não vai chegar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom. Vamos a outra pergunta.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Vamos lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor criou um grupo de WhatsApp para arrecadar fundos para o aluguel de barracas, banheiros químicos e aluguel do trio elétrico. O senhor foi responsável pelo pagamento do trio elétrico? Essas despesas foram pagas em dinheiro, por meio digital, ou seus amigos do grupo de WhatsApp realizaram o pagamento diretamente na conta do proprietário do trio elétrico?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Então, de todas as perguntas aí, algumas eu já respondi. A que eu não respondi ainda é que o senhor perguntou se eu criei algum grupo de WhatsApp. Eu não criei, eu não tenho esse hábito, eu não tenho tempo para isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas está dito aqui que foi o senhor quem criou o grupo para arrecadar.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não criei grupo nenhum. Como é que acontece com esses grupos, Excelência? Às vezes, a pessoa te inclui no grupo, inclui a gente no grupo. Alguém pega o seu telefone de V.Exa. e inclui no grupo. Você fica ou não fica; você sai ou bloqueia, para ninguém te incluir mais; ou chega um link e você entra pelo link; você sai.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor sabe que havia esse grupo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu não tive acesso a grupo de arrecadação nenhum, não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor pagou quanto nesse grupo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Qual grupo?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esse de WhatsApp.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, nenhum. Zero. Nada.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor sabia que houve gente que doou até 10 mil reais de uma vez?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É capaz que tenha tido, né?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Teve.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – E, aliás, Presidente, o QG era uma coisa muito grande, era uma monstruosidade. Quem foi lá... É duas mil barracas, trezentas tendas... E a minha participação é ínfima. E eu não entendo a que ponto chegou, por que chegou a esse ponto.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acredita realmente que as eleições de 2022 foram fraudes? O senhor não confia nas instituições? O senhor não confia no Tribunal Superior Eleitoral? Ou o senhor simplesmente entende que o seu voto e o daqueles que estavam na frente do quartel valem mais que o dos 60 milhões de eleitores que elegeram o Presidente Lula?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Bom, tudo tem uma lógica na vida, né? Estatística, lógica...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, mas em eleição a lógica tem que estar lá. Você vai lá e aperta o "sim" ou o "não".

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, é porque eu não concluí. Tudo tem uma lógica. Se todos os meus candidatos – todos; aliás, exceto um, né? – foram eleitos, por que eu ia condenar, desconfiar das urnas? Por que eu não ia confiar no TSE, se aqui tem Deputados que eu trabalhei, que eu ajudei, que foram eleitos com o meu voto? Por que que eu acharia que apenas o voto de um que eu votei, que não foi eleito, ia manchar toda a história da urna, toda a confiança que as nossas instituições têm. Não tem lógica, né, Presidente? Então...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – É, mas o acampamento era para contestar o resultado da eleição do presidente, e o senhor estava lá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sendo assim, o senhor estava fora da lógica, não é? O senhor estava em uma coisa na qual acreditava que não era verdadeira, mas estava lá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, na verdade, é assim...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acha que foi induzido a um erro?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Eu vou responder Vossa Excelência. Campanha, eleição nunca acabou, nunca vai acabar quando acaba a eleição. Esta Casa é uma Casa da democracia. Aqui tem Oposição e Situação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, mas a eleição, Sr. Adauto, acaba no dia em que se apura o último voto. Acabou a eleição.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim, excelentíssimo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Prepare-se para a próxima, daqui a quatro anos.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim, acabou aquela eleição; foi eleito e o eleito deve seguir até o final do mandato.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por que o senhor estava lá, protestando, para derrubar o eleito?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não era para derrubar ninguém, não. Da

minha parte, não. E acho que, da maioria, não era essa a intenção, Presidente. Não era. Era um protesto pacífico.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vi. Nós temos aqui um documento do Exército que diz que, naquele acampamento – isto é o Exército Brasileiro falando –, havia drogas – portanto, havia tráfico –, prostituição e porte ilegal de arma. O que você acha? É um documento oficial falando isso do lugar de onde o senhor estava participando.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, excelência. Como eu falei para vossa excelência, lá tinha milhares de pessoas. Certo? Das vezes que eu fui lá, o que que eu presenciei lá? Militares andando por todo o QG, militares organizando estacionamento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Explique-me isso. Era militar organizando estacionamento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu vou explicar para o senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Explique.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu cheguei lá num dia que tinha acabado de chover. Foi uma época de muita chuva em Brasília, e vocês se lembram muito bem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Lembro.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É... E os carros, a maioria, eram encostados lá no fundo, lá na parte de trás do QG, na parte de baixo. Tinha chovido muito e tinha muita lama. E eu cheguei para estacionar o carro, tinha muita lama e tinha uma patrol – alguns chamam de patrola, né? – do Exército limpando tudo, para que os carros estacionassem. O Exército...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Havia quantas patrôis?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Tinha uma patrol, que eu vi. Vi uma.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Do Exército?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Do Exército.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Limpando para...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Limpando para as pessoas estacionarem. Ali estava sendo cuidado pelo Exército, controlado pelo Exército, protegido pelo Exército. A prova disso, Sr. Presidente, é que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Essa informação que o senhor está prestando é importante.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – No dia 7, à noite – todos nós sabemos disto...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor estava lá no dia 7, à noite?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não estava lá, graças a Deus. No dia 7, à noite, a PMDF foi lá para prender as pessoas e não... Porque o Exército não permitiu. Agora, um cidadão comum... Eu sou cidadão comum, e milhares lá também são cidadãos comuns. Quando é que a pessoa ia conceber, ia imaginar que ali tinha arruaceiro, traficante? Não dá para você imaginar. É claro, é óbvio que tem. Você vai numa quermesse, vai num leilão, tem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor chegou a almoçar ou jantar naquele acampamento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca almocei, nunca...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não tomou nem um cafezinho?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Acho que eu tomei água. Porque...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Seu Adauto, consta em denúncia anônima, recebida por esta Casa e pela Polícia Civil do Distrito Federal, que o senhor e seu sócio, Joveci teriam financiado vários *outdoors* pela cidade, em apoio ao candidato a Presidente Jair

Bolsonaro. E, quando o Tribunal Superior Eleitoral proibiu tal indevida publicidade eleitoral, os senhores teriam solicitado às empresas que disfarçassem com anúncio sobre a Copa do Mundo, porém, sempre com *slogan* da campanha de Bolsonaro, com dizeres referente à Pátria, família e Deus. O que o senhor tem a dizer a respeito dessas informações que nós temos?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É a mesma informação que eu falei anteriormente, eu não participei de contratação de *outdoor*. Então, portanto, eu não posso informar nada nesse assunto, eu não participei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas nós temos prova de que o senhor participou.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Então, as provas serão apresentadas na hora... Nós não tivemos acesso ainda a todos os documentos, não tivemos. E, quando tiver, a gente, ou eu mando uma nota técnica, ou venho aqui novamente. Você pode me convidar que eu venho, não tem problema.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não pagou aqueles *outdoors*?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não paguei *outdoor*.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – A sua empresa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Excelência, empresa, empresa não participa dessas coisas. Eu tenho sócio, eu tenho cliente, eu tenho fornecedor, eu tenho banco, empresa não participa disso. Isso é inconcebível. Eu não aceitaria um sócio meu envolver empresa. Sócio meu não aceita envolver empresa minha. Isso é impossível. Não tem, não tem essa... É 100% de chance que não aconteceu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor tem consciência de que atos como os do senhor e dos seus sócios foram combustível para a invasão e depredação dos prédios públicos dos três Poderes da República, Congresso Nacional, Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal? Você tem consciência de que, se não tivesse havido o acampamento, não teria acontecido o dia 8?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Olha, Excelência, eu não vejo dessa maneira não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como é que o senhor vê?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu acho que as coisas podem ser, eh, inclusive julgadas de forma separada. Como eu falei aqui antes, milhares de pessoas chegaram aqui na noite do dia 7. É só olhar, vai na ANTT, vê quem...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor esteve lá dia 7 à noite?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não estava no dia 7, não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Dia 6?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Qual foi o último dia em que o senhor foi ao acampamento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Ah, eu não me lembro, eu não sei se foi dia 2 de novembro, mas acho que foi. Eu fui lá três ou quatro vezes, eu não me lembro. É porque eu passei, né? Eu não fui para ficar, eu passei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E quem levava alimentação para lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não sei. Lá tinha trezentas barracas. Não sei, não dá para saber. Já pensou se eu fosse levar alimentação, eu tinha que vender tudo o que eu tenho para alimentar aquele povo. Era gente demais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Se a gente apresentar umas fotos, carros da sua empresa entregando alimento lá. Quem que tinha comprado?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Olha, a empresa vende pra quem vai na porta comprar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Portanto, fez entrega lá dentro.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Ah, não sei. Eu não sei te falar. A gente faz entrega em todo o DF. Eu não posso te afirmar. Não posso falar pra você, Presidente, eu não posso falar: “O meu caminhão mandou”. Eu não sei. Mas doação nunca. A gente vende pra quem quer comprar. A gente só compra com nota, só vende com nota. Então, não posso afirmar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Então, vamos descobrir quem fez aquelas entregas.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pode fazer; aliás, quanto mais coisa descobrir, melhor pra mim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor está disposto efetivamente a colaborar com essa CPI?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Tanto é que estou aqui, né, Presidente?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor tentou não vir.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não, não tentei não vir não. O HC era pra provar que eu queria falar a verdade. Eu queria falar... Era o contrário.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas não precisa de HC para falar a verdade.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, mas a gente... É porque, às vezes, a verdade minha pode...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, a verdade é só uma. Só existe uma verdade. Não existem duas verdades.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Então a verdade que eu falar aqui, por exemplo, dessa doação que eu fiz dessa tenda talvez ia ser interpretado como um ato terrorista. Então, eu tive que me precaver.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor doou a tenda, não doou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não doei tenda, eu contribuí com duzentos reais na tenda. Eu não sei nem quanto que é uma tenda, o aluguel de uma tenda.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor entrou com dois pedidos de HC para não vir à CPI.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Mas é normal, né?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, normal não é porque quem...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – O meu advogado é muito bom e me orientou assim. Então, eu sigo o que o advogado fala.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele é bom mesmo.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não tenho formação nenhuma.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ainda bem, e o senhor viu aqui na hora de buscar a fala do senhor foi dito aqui: o senhor está como investigado, o senhor vai responder o que o senhor achar que deve responder. Agora, não precisava de HC.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pois é, e eu não me sinto à vontade responder o que não é verdade. Eu não dou conta de responder.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas, por que o senhor...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – O senhor pode observar. Se eu mentisse, eu vou ficar vermelho. Olha para mim se eu não ficar vermelho. Eu não consigo. Eu não dou

conta de mentir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quer dizer que o senhor não mente?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não consigo mentir, não dou conta.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas não quer dizer quem levou aqueles alimentos.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Mas eu não sei quem foi. Aí eu estaria mentindo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas no carro do senhor?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Ah... mas se o meu carro... se o caminhão foi lá, foi uma entrega. A gente vende, a gente entrega em todo o DF.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pois bem, o senhor vai ficar com o compromisso aqui de encaminhar a esta CPI as pessoas que compraram e para quem o senhor fez o transporte para lá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Se isso for possível, a gente faz. Se a pessoa... É cupom fiscal, não é? A pessoa não põe CPF.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas ela diz onde é para entregar.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Ah sim, a gente pode... pode ir atrás, pode tentar descobrir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quero que o senhor descubra para a gente.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu vou tentar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE LULA DA SILVA) – Deputado Hermeto, V.Exa. está com a palavra. (Pausa.)

DEPUTADO HERMETO (MDB. Sem revisão do orador.) – Bom dia, Sr. Adauto.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Bom dia, Deputado.

DEPUTADO HERMETO – Eu vi que... Como é o nome da empresa do senhor em Brasília?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Melhor Atacadista. Melhor. A Melhor Atacadista.

DEPUTADO HERMETO – Sr. Adauto, eu vou me ater mais aos atos do dia 12 e do dia 8. Certo?

O Deputado Chico Vigilante fez várias perguntas que já estão elaboradas aqui. Portanto, eu quero fazer essas perguntas em relação aos atos antidemocráticos, ou seja, do dia 12 e do dia 8.

O senhor acredita nas urnas eletrônicas?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Cem por cento.

DEPUTADO HERMETO – O senhor esteve dentro do Palácio do Planalto, dentro do Congresso Nacional? O senhor tentou quebrar vidro, entrar, estimulou gente a entrar, fez alguma coisa desse tipo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca faria isso. Nunca fiz.

DEPUTADO HERMETO – O senhor não estava lá no dia 8?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, no dia 8, eu fui lá. Cheguei lá...

DEPUTADO HERMETO – O senhor estimulou alguém a “vamos invadir, vamos quebrar, vamos tomar o poder”?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca. Não.

DEPUTADO HERMETO – Existe algum vídeo do senhor dizendo isso, alguma frase?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nada, nunca. Foi até bom mostrar esses vídeos aí.

DEPUTADO HERMETO – Alguma mensagem do WhatsApp, o senhor convocando: “Vamos invadir o Palácio do Planalto?”

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma. Zero. Nenhum. Nenhuma, zero.

DEPUTADO HERMETO – Eu não vou ter nenhuma imagem do senhor lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma imagem de eu provocando não. Talvez a imagem de eu lá.

DEPUTADO HERMETO – O que o senhor achava que, naquele dia, ia acontecer?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não achava, porque não sabia o que ia acontecer, não é? Eu estava na roça, era domingo, né? Domingo. Cheguei... Eu moro em Águas Claras. Cheguei em Águas Claras 16h10, por aí. Estava eu e minha noiva. E na roça, lá onde eu tenho essa roça, não tem internet, não tem televisão. É roça mesmo. E quando eu estou dirigindo, eu não olho o celular. Vim de lá de Luziânia... eu vim de Luziânia até aqui dirigindo, cheguei em Águas Claras. O meu *chat* um monte de mensagem, não é? Aí eu olhei no Instagram... eh... eu lembro como hoje a mensagem assim: “A Esplanada dos Ministérios está cheia de manifestantes”. Ponto. Uma coisa, eu falei: “Amor, vamos lá?” “Eu não, não vou não!” Falei: “Vamos lá um pouquinho”. “Não, não gosto disso, não”. Ela não queria ir, a minha noiva.

DEPUTADO HERMETO – Mas o senhor foi?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Aí... mas ela foi comigo. Nós fomos juntos.

DEPUTADO HERMETO – O senhor alguém da sua família, ou funcionário seu, ou alguém que estava no acampamento, ou alguém que ia entrar dentro do palácio para quebrar? O senhor conhece alguém daqueles que entraram?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não conheço ninguém.

DEPUTADO HERMETO – Ninguém?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Ninguém. Ninguém.

DEPUTADO HERMETO – O senhor, naquele dia, não forneceu nenhum tipo de alimento, água, transporte, para alguns deles que estavam lá no palácio?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, ninguém.

DEPUTADO HERMETO – Ou no Congresso Nacional?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu nem sabia o que ia acontecer, né? Eu nem sabia que aconteceria isso lá. Fiquei sabendo eram quatro e dez da tarde.

DEPUTADO HERMETO – No dia 12, o senhor estava em Brasília, estava naquela manifestação em que tentaram invadir a Polícia Federal?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu estava em Brasília, mas vi tudo pela imprensa. Não participei de nada, não sei de nada.

DEPUTADO HERMETO – O senhor deu carona para o Sr. Joveci, na hora de ir embora, nas invasões do dia 8? O senhor deu carona para ele?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO HERMETO – O Sr. Joveci é o que seu?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É meu sócio.

DEPUTADO HERMETO – No dia 8, o senhor não pegou uma carona com ele?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não peguei. Eu vi o depoimento dele. Ele foi embora com o pessoal que estava lá.

DEPUTADO HERMETO – Não foi o senhor, então, que levou o Sr. Joveci?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não fui eu, não.

DEPUTADO HERMETO – Ele foi de Uber?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Acho que ele foi Uber e voltou de carona. Me parece.

DEPUTADO HERMETO – Voltou de carona?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Foi o que ele falou. Eu não estava com ele.

DEPUTADO HERMETO – Os acampamentos... o Deputado Chico Vigilante bateu muito, e tenho muitas perguntas com relação aos acampamentos, mas vou ser mais didático no que tange aos atentados.

No acampamento... já que lá pode ter sido feita a elaboração de todo o contexto para a invasão. O senhor concorda com isto: de que lá dentro do acampamento surgiu toda essa história de "vamos invadir"? O senhor acha que havia células dentro do acampamento? Como havia pessoas que estavam lá para protestar porque não aceitavam a vitória do Presidente Lula, havia também pessoas que queriam invadir. A gente sabe disso. Havia até um major – isso está provado e está nos autos – que ensinava táticas de invasão. Isso está no inquérito, já.

O senhor acreditava que aquele acampamento levaria a quê?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Como eu fui lá poucas vezes, passei por lá poucas vezes, eu nunca vi nada disso lá. Eu nunca imaginaria que ia chegar a esse ponto. E até acredito que, lá, a grande maioria das pessoas, nem passava pela cabeça delas que ia acontecer isso.

DEPUTADO HERMETO – Se fossem para um golpe também, Presidente, o cara que forneceu o arroz, o feijão, tudo e que estava lá... o pior de todos é o Exército, porque ele manteve, nas áreas dele, com policiamento ostensivo, os manifestantes, não deixando a Polícia Militar atuar lá dentro. Então, se for pôr... o Exército é o pior dos atores que contribuíram para manter aquele acampamento lá. O senhor levou comida, o outro levou a água, o outro levou a picanha, o outro levou o pix, o outro levou... mas quem manteve tudo aquilo ali foi o Exército!

O senhor concorda comigo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Inclusive, Excelência, lá no começo do QG... isso me falaram porque eu não estava lá no começo. Lá, havia muitas barracas com bares, vendendo as coisas, vendendo bolsa, vendendo tudo que você imaginar.

DEPUTADO HERMETO – Virou um *shopping*! Virou uma cidade!

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Virou uma feira. Isso eu não vi, não presenciei. Depois, o Exército pediu... depois, o Exército... também me falaram, não presenciei, tá? Disseram-me que o Exército foi lá e retirou essa feira. Aí, ficaram só as barracas.

DEPUTADO HERMETO – Havia policiamento? Havia rondas noturnas para manter a segurança?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim. O Exército andava rondando lá.

DEPUTADO HERMETO – Olha que coisa!

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Há outra coisa, Excelência. O que eu vi lá, o que eu presenciei lá, nas poucas vezes em que passei por lá, eram tendas da Igreja Católica. Várias.

DEPUTADO HERMETO – Se demorasse muito, viraria uma cidade. Iam ter que colocar no PPCUB para poder regularizar a cidade do acampamento.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pois, é. Tendas de igreja evangélica. Havia tendas de cidades do Brasil, de várias cidades do Brasil.

DEPUTADO HERMETO – Várias igrejas.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Identificadas. Várias igrejas, várias cidades. Tenda de cidade tal de Mato Grosso, tenda... muitas. Era muita gente, muita coisa. Nesse momento, me falaram que o Exército organizou e expulsou, não deixou ninguém comercializar nada lá, e ficaram só as tendas de quem estava lá para ficar mesmo.

DEPUTADO HERMETO – Meus Deputados da CPI, a cada dia que passa, eu fico mais impressionado, tamanha a omissão ou contribuição do Exército, porque o Exército tinha que ter tirado aquilo ali.

E mesmo, Deputado Chico, depois do dia 1º, quando assumiu o novo governo, o primeiro ato deveria ter sido arrancar tudo na mesma hora. Era para ter tirado isso. Dia 1º foi domingo? Foi domingo, não foi, Deputado Pastor Daniel de Castro? Foi domingo. O Presidente Lula assumiu no domingo. Na segunda-feira, não era para ter ficado ninguém ali.

Se alguns dos generais que mantinham aquele acampamento tinham alguma influência do Presidente da República que estava ainda no comando do País, também errou o Presidente atual por não ter mandado o general dele arrancar tudo aquilo ali no mesmo dia, na mesma hora.

No governo de transição do Presidente Lula, o GSI e o Exército já tinham que ter feito um planejamento para que, à meia-noite e um, quando o Presidente Lula já era o Presidente pela Constituição, os tanques irem lá tirar todo mundo.

Então, eu chego à... A cada dia que passa... Há vários atores que contribuíram para isso. O senhor ajudou, colocou alimentação. Certo. Muita gente ali não sabia... Se o Exército os estava mantendo lá, imagine aquela pessoa humilde que não sabia nem o que estava fazendo, aqueles inocentes úteis! Se o cara via o policiamento do Exército lá, falava: "Cara, isso aqui vai dar no que vai dar. Isso tem base, isso tem fundamento." Estimularam outras pessoas a virem. Estimularam.

O Exército estimulou aquele acampamento e estimulou o quebra-quebra. Sabem por que estimulou? Porque, no momento em que você monta uma cidade em frente a um quartel-general, onde você manda o policiamento do Exército fazer a ordem... Daqui a pouco, iria virar cidade – eu sou o Presidente da Comissão de Assuntos Fundiários –; daqui a pouco, iriam regularizar, iriam entrar com o pedido de regularização. Tamanha é a vergonha que ficou isso aí.

Então, tenho muitas perguntas para o senhor. O senhor, como muitos outros, colocou comida lá, colocou água, colocou tudo, mas o maior culpado daquele acampamento não é o senhor, que colocou a comida, não; é o Exército, que se omitiu! Omitiu, deixou aquilo acontecer, nas barbas do QG! A Polícia Militar tinha que entrar lá, e eles impediram o trabalho da Polícia Militar, a ponto de dizerem assim: "Vocês não têm força contra nós." Foi o que o coronel disse aqui.

Então, Sr. Presidente, nós temos que ouvir os generais. E o senhor é um inocente útil. Desculpe-me falar desse jeito com o senhor. O senhor é um inocente útil. Sabe por quê? É aquele que está lá, não sabe mais ou menos por que nem no que vai dar, mas não deixa de ter culpa. Mas os maiores culpados são aqueles que não retiraram aquele acampamento no dia que ele foi feito. No dia em que houve as eleições, 30 de outubro, quando montaram aquele acampamento, o general do Exército teria que ter dito: "Não. A eleição acabou. Aqui ninguém vai acampar, que aqui não vai ter golpe, aqui não vai ter nada disso." Deixaram.

Errou também o governo atual, porque deveria ter feito, já no governo de transição, um planejamento para retirá-los meia-noite e um. Como o Presidente Lula não era presidente, ele não tinha ainda o poder da caneta sobre o País, tinha que tê-los retirado do acampamento à meia-noite e um e mandado abrir inquérito para descobrir por que o Exército deixou o pessoal acampar lá para fazer o quebra-quebra que foi feito.

Estou satisfeito, Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado, Relator.

Pela ordem de chegada, concedo a palavra ao Deputado Joaquim Roriz Neto. V.Exa.

dispõe de 25 minutos. Em seguida, Deputado Fábio Félix.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO (PL. Sem revisão do orador.) – Bom dia a todos e a todas. Eu gostaria primeiro de cumprimentar os membros da CPI na pessoa do nosso Presidente, Deputado Chico Vigilante. Quero agradecer a presença do Sr. Adauto por prestar esses esclarecimentos e à imprensa por cobrir esta CPI, que é tão importante, porque é a população está exigindo respostas. Algumas coisas precisam ser esclarecidas antes de eu entrar na minha linha de questionamento.

Parece que a gente está confundindo as coisas porque manifestação pacífica é garantida pela Constituição, e a gente passou quase a primeira hora aqui tentando criar um confessionário: “Você fez isso, você financiou, você pagou, você arquitetou, você convocou”, mas nada disso foi comprovado ainda. Na última vez que entendi um pouco da lei, Deputado Pastor Daniel de Castro, V.Exa. que é advogado sabe disso, as pessoas são inocentes até que se prove que são culpadas. Então, a gente precisa esclarecer isso muito bem antes de partir daqui para frente.

Segunda questão: eu queria só pontuar o que o Deputado Hermeto falou. Concordo plenamente com S.Exa. Existe uma falha gravíssima feita pelo Exército que a gente identifica. O governo tinha toda a inteligência e sabia que, embora fosse uma porcentagem pequena de pessoas, havia extremistas falando em golpe em grupos de WhatsApp. Houve o ato do dia 12 de dezembro com terrorismo aqui em Brasília. O governo sabia que existiam algumas pessoas que estavam com o intuito de querer fazer um atentado contra a nossa democracia.

Então, assim que o Presidente Lula tomou posse, por que ele não desfez o acampamento? Essa é uma pergunta muito importante, Deputado. Por que, no dia 2, não se desfez o acampamento para poder acabar com a possibilidade de algo acontecer, de algo proliferar? Essa é uma pergunta muito importante, que tem que ser feita.

A gente deve, também, levar em consideração que esta CPI precisa ser imparcial. A gente não está aqui para fazer pré-julgamentos, a gente está aqui para descobrir fatos. Não se pode chamar uma pessoa aqui com a presunção de que ela é inocente ou culpada. A gente está aqui para apurar, mas estou vendo que existem, sim, dois pesos e duas medidas. Há pessoas que chegam aqui já com a presunção de que são inocentes e há pessoas que chegam aqui já com a presunção de que são culpadas. Para mim, é uma grande pena que um empresário como o senhor, que gera emprego nesta cidade, esteja sendo tão perseguido.

Eu queria só fazer alguns questionamentos. O senhor falou que é dono do Melhor Atacadista. Quantos funcionários o senhor tem?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, são, hoje, 1.539. Até ontem.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Mil, quinhentos e trinta e nove funcionários?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Depois as pessoas não entendem por que os empresários não querem ficar em Brasília. Já não existe incentivo suficiente para os empresários quererem estar aqui. Depois as pessoas ainda tentam falar que Brasília tem que ser uma cidade que fuja só do concurso público, que fuja só de as pessoas quererem ser servidoras de carreira ou comissionadas, que estimule o empresariado, que estimule as pessoas a ser empreendedoras, mas, para todo lado que você vai, há perseguição. Eu quero fazer uma pergunta ao senhor: é ilegal fazer doação de campanha, pelo seu conhecimento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Que eu saiba, não.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Então, por que isso é um fator? O que tem a ver você ter ou não ter contribuído na campanha do ex-Presidente Jair Bolsonaro, na sua opinião? Você acha que isso tem a ver com alguma coisa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Acho que não.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Não há um Deputado eleito aqui que não tenha recebido uma contribuição de campanha, mas o senhor está sendo condenado por ter contribuído para a campanha do Bolsonaro.

Agora eu quero fazer mais uma linha de raciocínio. Se fazer algum tipo de manifestação é crime, por que não foi crime quando as pessoas fizeram acampamento em frente à prisão quando o Lula estava preso? Eu falo o porquê. Porque eles não estavam cometendo crime. A manifestação é garantida por lei. O que é proibido é o que aconteceu no dia 8. Não há como a gente correlacionar um evento isolado com um evento pacífico de três meses. Isso não pode ser feito, isso é contra a lógica. Não existe um argumento em que uma pessoa fale "a causou b" de forma definitiva. Isso não existe dentro da lógica.

Eu queria fazer mais um questionamento aqui para o senhor. Quando você viu os atos do dia 8, teve ou não teve uma continuidade de participação em grupos de WhatsApp falando sobre os atos ou participação no QG? Você teve alguma continuidade relacionada a isso?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não tive. Nada, excelência.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – A minha outra pergunta é: é inegável que houve grupos de WhatsApp que falavam em golpe, em derrubadas, seja de ministros ou de políticos. Você participou de algum desses grupos que falava explicitamente de golpe?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu participo de vários grupos. Grupos empresariais, grupos de família, família do meu lado, do lado da minha noiva, famílias... Isso, gente, está em todo grupo, essa conversa é normal. Mas, eu participar, eu colocar minha opinião lá: "Tem que derrubar, mesmo". Nunca, não vai existir uma frase minha nesse sentido.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – O senhor nunca fez comentários nesse sentido?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nada. É porque não é normal, não é, não tem nem lógica isso, né?

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – Eu participo de alguns grupos em que, quando acordo, há quatrocentas, quinhentas mensagens. E a maioria são áudios, grupos de lideranças das cidades. Eu não consigo acompanhar todos. Eu acho que seria uma injustiça querer que o senhor tivesse um acompanhamento extenso de todas as conversas que são feitas em todos os seus grupos de WhatsApp. Tanto que eu tenho certeza de que, da mesma forma que o senhor é adicionado em grupos que não tem nada a ver com a criação, eu já fui adicionado em grupos que nem sei qual o assunto, Deputado. Todos aqui, tenho certeza, participam de grupos e, por estarem presentes, talvez não saiam porque não querem ofender o criador do grupo, não necessariamente porque concordam ou discordam do teor do que está sendo discutido dentro desses grupos. Você segue essa linha de raciocínio?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exatamente.

DEPUTADO JOAQUIM RORIZ NETO – A maioria das perguntas que eu tinha o Deputado Hermeto já fez. Eu queria prestar solidariedade ao senhor e a sua família pelo que estão passando. Vivemos num mundo em que, embora não possam existir duas verdades, existem interpretações que levam à injustiça. Existem. E quem fala que isso não acontece... Existem dos dois lados. Há pessoas que falam que o Lula é inocente, então por que ele passou 580 dias na prisão? Essas pessoas têm que admitir que houve uma falha na Justiça. Então, se há falhas na justiça, precisamos trabalhar para pessoas inocentes não serem pegadas nesse tipo de falta de interpretação.

Eu peço desculpa em nome desse colegiado de Deputados, em nome da população do Distrito Federal, que depende de empresários como o senhor para gerar renda para ter o direito de dar dignidade a sua família. Peço ao senhor, depois que tudo isso certamente for esclarecido e o senhor for inocentado... Eu torço para que não só o senhor, mas outros grandes empresários não falem: "quer saber, eu vou para outra cidade, vou gerar emprego e criar renda em outro canto". Espero que o senhor não faça isso, porque, apesar de algumas situações acontecerem, grande parte da população de Brasília agradece o que o empresário faz nesta cidade.

Muito obrigado.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Obrigado Deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Encerrada a participação do Deputado Joaquim Roriz Neto no dia de hoje.

Passo a palavra, por 25 minutos, ao Deputado Fábio Félix.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX (PSOL. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente.

Primeiro, agradeço a presença do Sr. Adauto aqui para este depoimento. Quero fazer um registro importante para o senhor: o requerimento de convocação do senhor foi aprovado por unanimidade na Comissão Parlamentar de Inquérito.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É importante que o senhor saiba disso. Então, nenhum Parlamentar que hoje advoga pelo senhor advogou pelo senhor no dia da apreciação e deliberação do requerimento que convocou o senhor para estar aqui hoje.

Não há uma profissão, como já foi dito aqui, não há uma categoria, um segmento. Nós lamentamos o que aconteceu no dia 8, nós lamentamos os atos golpistas também do QG do Exército. Então, nós lamentamos profundamente que coronéis, policiais militares, trabalhadores, trabalhadoras, empresários, servidores públicos, qualquer um que se sentar aí... Ninguém é mais importante que o outro. O empresário não é mais importante – porque gera mil empregos – do que o trabalhador que garante que aquela empresa funcione. Ninguém é mais importante.

Então, eu deixo muito claro aqui para o senhor que o senhor está aqui na condição de cidadão, tem que responder na condição de cidadão, e eu vou cumprir o meu papel como Parlamentar perguntando e investigando. Nem condenando o senhor *a priori*, porque não é o nosso papel. Como bem o Deputado Joaquim Roriz Neto disse, não é o nosso papel condenar o senhor *a priori*, mas também não é o meu papel inocentar o senhor *a priori*. Isso é papel do inquérito. Parece que os colegas já querem inocentar o senhor *a priori*.

Há algumas questões que são fundamentais. Eu vou dividir a minha fala basicamente em três momentos.

O primeiro, é o QG. É muito engraçado, porque há uma contradição. Eu queria ouvir um pouco o senhor. O senhor já colocou a sua posição aqui, é uma contradição. Alguns falam que o QG era super pacífico, mas cobram que o Presidente Lula tenha retirado ele no dia seguinte. Era lindo, era só oração, era só gente rezando. Eram muitas capelas no QG do Exército, o tempo inteiro os Deputados falam disso. Mas não era o que a gente via na imprensa. A gente viu um repórter da CNN Portugal sendo agredido, a gente viu jornalistas sendo agredidos. Eu posso dizer ao senhor que a vigilância sanitária do Distrito Federal foi expulsa de lá, e o servidor público foi agredido. O DF Legal foi expulso e teve servidores agredidos verbalmente.

Então, assim, houve muita confusão, muita confusão naquele QG do Exército. O senhor presenciou, no período em que estava lá, alguma confusão?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Só paz, não é?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nenhuma confusão.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Zero.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor falou que foi três ou quatro vezes no QG.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Três ou quatro vezes, mas o senhor não lembra se é três ou quatro, ou se é cinco? Poderiam ser cinco?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Cinco é... Eu até acho que foi três. Como eu não gosto de mentir, é melhor eu falar a mais do que a menos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não. Está certo.

O senhor viu alguma faixa, alguém pedindo intervenção militar?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Vi.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, havia gente pedindo intervenção militar?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É... Um ou outro maluco.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor concorda com essa pauta de intervenção militar?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Um ou outro maluco, ou as maiores faixas nas imagens são por intervenção militar?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Um ou outro maluco.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Um ou outro maluco. O senhor acho que é isolado?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, até porque eu passei por lá. Eu não fiquei...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, foi uma coisa visual?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Você passa e...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, que fique registrado na ata desta reunião que o senhor viu pessoas dentro do QG do Exército pedindo intervenção militar. Na nossa Constituição, é proibido incitar as Forças Armadas contra o Estado Democrático de Direito. É importante isso ficar registrado, porque todo mundo fala que o QG é aquela grande maravilha! Que não era aquela lindeza, aquela maravilha que a gente via.

Que fique registrado que o senhor viu, mesmo que o senhor tenha atribuído a essas pessoas que elas tenham algum tipo de transtorno – e eu acho que também não é caso, porque são pessoas que defendiam uma pauta. Que fique registrado isso, porque acho que é importante, em relação ao Quartel General do Exército.

Algumas perguntas são feitas aqui, e eu as acho importantes porque nos dão uma linha do tempo para entender como é que chegamos ao dia 8.

O senhor concorda comigo que o dia 8 foi a culminância, o resultado de um processo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu não concordo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não concorda. O senhor acha que foi um ato absolutamente isolado?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É. Acho que foi um ato provocado.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor estava?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É. Eu fui lá.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor chegou às 16h15... O senhor chegou às 16h15, da chácara, em Águas Claras?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Em Águas Claras.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor chegou, aí o senhor saiu de Águas Claras às 16h15?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Dezesesseis e vinte por aí.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Aí o senhor foi para a Esplanada dos Ministérios?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, eu vou calcular ali... Eu já morei em Águas Claras também. Então, eu vou calcular ali: trinta minutos para chegar à Esplanada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É por aí.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor chegou mais ou menos ali à Esplanada às 16h50?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Por aí.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

Que o senhor viu na Esplanada quando o senhor chegou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Bom, eu cheguei e estacionei o carro próximo do Banco Central.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Próximo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Banco Central, do prédio do Banco Central. Não tinha acesso direto à Esplanada de carro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não tinha acesso de carro à Esplanada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – De carro, não. Não tinha acesso. Eu fui a pé até Rodoviária e de lá me dirigi rumo ao Congresso a pé, né?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Até ali aproximadamente à igreja Catedral não tinha gente, estava bem vazio.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – De onde eu estava, ali da Rodoviária, a gente enxergava de longe muito movimento lá perto do Congresso. De longe. Muito movimento lá perto do Congresso, mas, de longe, você não vê nada.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual tipo de movimento o senhor via?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Movimento, que eu digo, é quantidade de gente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Aham.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Muita gente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não via muita gente ou via?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Via muita gente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Muita gente.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – De longe, você via muita gente. Era muita gente realmente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu queria registrar para o senhor que, às 15h55, já havia tido invasão no Congresso Nacional, no Planalto e no Supremo Tribunal Federal. Então, o senhor não percebeu que havia bomba, não viu cheiro de gás? O senhor não viu o povo depredando nada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. A hora que eu cheguei lá perto do Congresso, já era dezessete e pouco, dezessete e tal. O percurso é vinte minutos a pé, ali.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor chegou às 17h10?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É aproximadamente. Não vou falar com precisão, porque é aproximadamente isso. Chegando lá, quando você chega perto, aí você enxerga.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor chegou perto do Congresso?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu cheguei bem antes da rampa, naquele gramado.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor chegou a subir a rampa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não subi, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor entrou no Congresso?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não entrei no Congresso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor entrou no Palácio do Planalto?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não entrei.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor entrou no Supremo Tribunal Federal?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Jamais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor ficou lá até que horário?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência, desde a hora que cheguei lá com o carro até a hora que eu voltei, eu creio que foi, no máximo, uma hora e meia, porque só a caminhada de lá é meia hora, né? Quando eu cheguei que eu vi...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quando o senhor chegou perto, o senhor viu o quê?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Aí eu vi janela quebrada, aí depois começou... a hora que eu cheguei lá perto, foi exatamente a hora que... a linha do tempo, né. Depois, pode até concluir para ver se eu estou certo nesse tempo aí, que não vai ser exato...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo. Eu estou com a linha do tempo aqui correta.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O Deputado Pastor Daniel de Castro sempre tem um mapa também ali com a linha do tempo.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Na linha do tempo, quando eu cheguei lá, ali mais perto, que eu vi uns policiais de preto, não sei se era o BOPE, que cercaram o Palácio do Planalto. Hora que eu vi aquilo, eu assustei. O que que eu pensei quando eu cheguei lá, Excelência? Eu falei: "Poxa! Arrebentaram com tudo". Estava lotado de gente, o STF de longe, você vê cheio de gente. Os policiais já tinham cercado o STF.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor visualizou que tinha gente dentro do Supremo...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Dentro do Congresso...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Dentro do Palácio do Planalto e dentro do Congresso.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exato. E lá de longe...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor visualizou que eles estavam depredando.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque o senhor disse que viu janelas quebradas no Congresso.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Quando eu cheguei, Excelência, já tinham quebrado. Não tinha mais ninguém depreendendo nada. Não via barulho de nada quebrado, nada quebrando.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nem bomba, nem dispersão?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, aí, pois é, como eu falei, estava concluindo aqui. Aí, nesse momento, parece que foi o BOPE que estava cercado o Palácio do Planalto, porque o STF já estava cercado. Aí nessa hora, o BOPE chegando para cercar o Palácio do Planalto, aí aqueles carros, aqueles carros tipo tanque, aí começou a jogar umas bombas. Aí a minha noiva: "Vambora". "Vambora agora", porque é muito ruim, né, ver essa cena, mas, quando eu cheguei, já haviam depredado, já haviam quebrado tudo, o povo já estava mais... aí a polícia estava agindo, né.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor não viu pelo Instagram? Porque o senhor saiu às 16h10min de Águas Claras.

Gente, aqui eu queria registrar aos meus colegas de todas as correntes partidárias. Está aqui a razão por que o senhor está aqui hoje. O senhor é testemunha ocular de um ato de tentativa de golpe, de invasão dos Três Poderes. O senhor estava lá na hora. É importantíssima a sua presença aqui, independentemente da investigação, da participação ou não do senhor, o senhor é fundamental aqui. Então esses discursos lamentando, se envergonhando, são discursos que não cabem na CPI, porque o senhor é testemunha ocular. O senhor estava lá, o senhor viu outras pessoas depredando os três palácios da república. É

para isso que essa CPI existe, para investigar também o dia 8, especialmente o dia 8, e o dia 12 também, se esse foi um processo de culminância e qual foram os erros das autoridades, as participações civis nesses dias. Então o senhor é fundamental para se entender isso. Eu estou com a linha do tempo.

Agora eu queria perguntar se o senhor não viu, nos grupos de WhatsApp em que o senhor está, no Instagram – o senhor disse que tomou conhecimento do ato pelo Instagram às 16h10min, quando o senhor estava chegando em Águas Claras –, o senhor não viu? Porque, às 16h10min, já estavam depredando tudo. O senhor não viu as imagens? O senhor não viu...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não viu gente dentro do Supremo? Às 16h10min, já havia gente dentro do Planalto. Às 15h55min, começou a invasão do Supremo; às 15h10min, a invasão do Congresso Nacional. O senhor não viu, nos grupos, o povo? Como o senhor se interessou em ir para a Esplanada no meio de uma arruaça?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Vou responder o senhor, Excelência. Então, a linha do tempo minha, do meu percurso, da roça, de Águas Claras e tal. Dezesesseis e dez, dezesesseis e quinze, em Águas Claras. Quando eu cheguei, eu vi a mensagem no Instagram. “Vambora?”. “Vamos”. Eu não dirijo olhando em celular. Eu não dirijo. Eu...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor viu às 16h10min.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Dezesesseis e quinze, por aí, eu vi lá: “Esplanada cheia de manifestantes.” Ponto. A partir dali, eu decidi ir. Fui e não olhei mais nada. Não olhei. Aliás eu... meu Instagram é fechado, eu não posto nada em Instagram, nada, nada...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Só o Facebook do senhor que a gente consegue acessar, não é?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, Facebook, aliás...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – As imagens do trio, as imagens do senhor no QG.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É. E outra coisa, o Facebook, ele é quase inativo. Eu não uso o Facebook. Aliás, o Facebook já ficou para trás, né? Então, a minha linha do tempo foi essa, Excelência. Eu não vi, porque eu não olhei. Se eu tivesse olhado, eu... É o seguinte: eu tenho, Excelência, 17.400 contatos no meu celular. Dezesete mil e quatrocentos contatos. Contatos. Pessoas cadastradas. Eu estou excluindo muitos. Estou saindo de vários grupos, porque... eu até troquei de telefone, porque eu não dou conta de...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas eu quero entender o senhor ali. O senhor – quando viu – não teve conhecimento do que estava acontecendo na Esplanada às 16h10min, 16h15min? Porque às 16h10min, 16h15min, o bicho já estava pegando.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim. É porque eu não concluí. Então, 16h15min em Águas Claras... Ah, vou para a Esplanada. Vim para a Esplanada. Eu não uso telefone dirigindo. Ok. Cheguei lá 16h50min, 45min? Chega lá, você não tem mais sinal de celular, acaba, porque lá tem muita gente acessando.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas em casa, antes de o senhor sair, o senhor não tinha... Isso aqui é importante, Sr. Adauto.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não cheguei. Não subi em casa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quando o senhor estava passando por Águas Claras, que o senhor acessou o celular, o senhor não tinha conhecimento da dimensão e do que acontecia no ato?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu não tinha. Eu não imaginava. Na minha cabeça, Excelência, o que eu imaginava? Manifestação pacífica. Foi o que eu imaginei. Verde e amarelo... o pessoal... foi o que eu pensei. Ponto.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Orando...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Orando talvez não. Eu nunca imaginava

aquilo lá. Eu discordo daquilo lá. Eu não aprovo. Eu reaprovo aquilo lá. Eu jamais faria aquilo, Excelência. (Pausa para beber água.)

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Se o senhor quiser tomar, a gente aguarda. Não tem problema.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Pode ficar à vontade.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Pode ficar? Porque chama muito a atenção da gente, tanto o senhor... O senhor encontrou o seu sócio Joveci lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Olha, eu chegando lá... Vou explicar para o senhor. Eu tenho que contar a história. O contexto, né? Quando eu cheguei lá, nesse horário, ali perto da Catedral, como eu falei, estava vazio. Tinha pouca gente na Catedral, e eu vi o Joveci na minha frente: "Ah, mas como é que pode uma..." E foi realmente uma coincidência.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, quando o senhor estava chegando, o senhor viu o Joveci na sua frente?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É. Na minha frente. Perto da Catedral. Caminhando.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Em qual altura da Esplanada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Perto da Catedral.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Perto da Catedral?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Perto da Catedral.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, é importante, porque nós podemos bater inclusive com o recibo do Uber do Joveci, do horário que ele chegou à Esplanada. Os senhores chegaram praticamente juntos?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É. Não lembro o horário que ele comentou. Mas não sei se ele chegou antes, estava lá esperando alguma coisa... Não sei. Esperando alguma coisa. Não posso... mas eu alcancei. Eu vi o Joveci lá, sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor alcançou e viu o Joveci. E vocês foram caminhando juntos?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. A minha relação com o meu sócio é uma relação de quase irmão. Sabe? Mas nós temos gostos diferentes em muitas coisas. A gente não tem uma relação social juntos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – E ele caminhou...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, ele caminhou do lado dele, e o senhor caminhou do seu e chegaram à Esplanada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu parei na Catedral um pouquinho e fiquei por ali. E ele seguiu o caminho dele. Eu não segui com ele, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sr. Adauto, mais uma vez, estou achando importantíssima a sua fala nesta Casa, porque o senhor, como eu já disse, é testemunha ocular do que aconteceu naquele dia. Eu queria perguntar, mais uma vez, ao senhor: existe alguma chance desta Casa achar imagens do senhor dentro dos palácios?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não tem chance, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nenhuma chance?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma chance.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Participando de algum tipo de atividade criminosa, porque...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Zero.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ...ali as atividades já eram absolutamente, sem dúvida, em

narrativas.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque eu nunca vi nenhum Deputado defender quem está depredando patrimônio público aqui. Mesmo aqueles que defendem quem chega até a beira, quem estimula, mas não vi gente defender esse tipo de comportamento. Então, o senhor não entrou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nem no Supremo Tribunal Federal?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não tenho essa capacidade, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nem no Congresso Nacional?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque o seu sócio disse que chegou até à rampa do Congresso, à rampa do Planalto. Desceu a Praça dos Três Poderes. O senhor chegou à Praça dos Três Poderes?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu cheguei até perto do Congresso, à esquerda do Congresso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tá. A Esplanada dos Ministérios, tem os ministérios...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O Congresso. Depois você tem uma rampa. Aquela que a gente desce de carro ou a pé.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor desceu aquela rampa para a Praça dos Três Poderes?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu desci aquela rampa. Fiquei ali perto do... Bem antes da rampa do Palácio do Planalto. Bem antes. No meio daquela rampa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Em nenhum momento, o senhor percebeu que aquela manifestação não era mais pacífica?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Como eu falei para V.Exa...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Já eram 5h da tarde.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Já era cinco e pouco. Nessa hora, já não tinha mais ninguém quebrando. Eu percebi que estava quebrado. Foi a hora que eu fui embora. Eu percebi que estava quebrado. Não tinha ninguém quebrando mais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor passou pelo Congresso Nacional. Havia gente dentro do Congresso Nacional, havia a ação da Polícia Legislativa e havia a ação da Polícia Militar do DF. O senhor desceu a rampa da Praça dos Três Poderes, chegou à Praça dos Três Poderes, visualizou o Supremo, porque o senhor...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX –... me disse aqui que o senhor viu o Supremo...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Vi, lá de cima.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX –... gente dentro do Supremo, o senhor visualizou o Palácio do Planalto, mas o senhor não percebeu que aquela era uma manifestação de depredação do patrimônio público.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, que já havia depredado, sim. Agora, existe um exemplo na vida que a gente, todo mundo faz isso. Isso é normal para todo mundo: eu estou no trânsito, estou em uma viagem de carro e tem um acidente grave. A Polícia Rodoviária está lá, passa, passa e ninguém pode parar. Quantos por cento que não param? Noventa por cento param.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava ali de curioso? O senhor estava curioso.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Curiosidade. Curiosidade, Excelência! Noventa por cento param e alguns param, encostam o carro e ainda sofrem um acidente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É uma curiosidade grave, porque é uma curiosidade em um contexto que nós estávamos vivendo ali de tentativa de golpe de Estado!

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É porque, na minha cabeça, não existia isso, não é? Na minha cabeça, golpe de Estado, eu não imaginava, nunca sonhava isso. Nunca. Pela minha cabeça nunca passou isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Chama muito a nossa atenção esse processo, porque tanto o senhor quanto o seu sócio chegaram lá. Aqui nós não estamos para incriminar ninguém. Nós estamos aqui para ouvir os depoimentos, as testemunhas. Mas acho importante, porque também nós não estamos aqui, como alguns, para passar pano para ninguém, para dizer: “Olha, o senhor já é inocente, eu me envergonho e peço desculpa ao senhor porque estou aqui como inquiridor pedindo desculpa”. Não é a minha função. O senhor entende?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu entendo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – A nossa função é dizer: “Olhe, gente, o senhor saiu de Águas Claras às dezesseis e dez...” Eu já morei lá. São mais ou menos uns vinte a trinta minutos para chegar à Esplanada dos Ministérios. Quando eram dezesseis e cinquenta, o senhor chegou e o caos estava instalado. Então, nós estamos falando que ninguém pode ser omissos àquele processo criminoso que estava em curso naquele momento no Brasil, porque é um problema do Brasil.

O senhor foi perguntado sobre a sua perspectiva ideológica. Eu concordo com os meus colegas, todo mundo tem liberdade ideológica, liberdade de manifestação. Já participei de muita manifestação, acho fundamental, mas nunca participei de manifestação defendendo golpe de Estado. Nunca participei! Tenho muito orgulho, Deputado Chico Vigilante, de nunca ter participado de manifestação defendendo golpe de Estado, porque acho que isso é importante.

Eu queria perguntar para o senhor sobre financiamento, para concluirmos o nosso depoimento. O senhor está sendo apontado como um dos financiadores. O Deputado Chico Vigilante citou alguns dados. Existem alguns relatórios, no inquérito que chegou a esta Casa, que apontam uma série de Pix chegando para o senhor e que o senhor teria criado... Vou reforçar a pergunta: o senhor criou um canal no WhatsApp para coletar recursos para o acampamento do QG do Exército, que o Deputado Chico Vigilante perguntou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, Excelência.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não criou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não criei.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor colaborou financeiramente com o acampamento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Com esses três itens que eu passei para o Presidente aqui.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor sabe me dizer. O senhor pode....

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu sei de cor: um de 100 reais, um de 110 reais e um de 1.000 reais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tá. Então, o senhor colaborou com o QG com Pix para outra pessoa, para uma terceira pessoa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Um Pix de 100 reais.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Um de 110 reais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Um de 110 reais.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – E um de 1.000 reais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E um de 1.000 reais. Então, mais ou menos 1.210 reais que o senhor colaborou com o Pix.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual era o papel do senhor na intermediação do carro de som?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Aqui eu contei a história, que foi de negociar para baixar preço, ponto. Não paguei nada, não paguei um centavo. Não participei de pagamento de trio.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não houve Pix chegando à conta do senhor para pagar?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor tem conhecimento de quem pagou os 12 mil reais em espécie? Porque, nessa era digital nossa, pagar em espécie é uma coisa que já gera uma...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não é? O dono do trio afirmou à PCDF que recebeu 12 mil reais em espécie de uma pessoa no Açougue do Berg. O senhor conhece essa pessoa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque o senhor intermediou a negociação.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – A negociação de valores.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor imagina quem seja essa pessoa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nem imagino.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quem foi a pessoa com quem o senhor intermediou a negociação?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu estava lá, como eu contei para o Presidente... eu estava, tinha uma roda próxima ao Sr. Rubens – que é o proprietário do Coyote, do trio elétrico – e o pessoal negociando e eu aproximei...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele é amigo do senhor ou não?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, tá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu conheci o Rubens naquele dia.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eh... E eu negocie o valor. Eu falei: "Ó, contribui, porque o pessoal está aqui querendo". Ponto final. Me apresentei para ele "Sou o Adatauto", não falei de onde que era, negocie o valor e tchau. Virei as costas e fui embora. Não, não tem, não vai existir Pix meu indo para a conta de trio elétrico. Não vai existir.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O trio elétrico foi pago em dinheiro, em espécie. Doze mil reais em espécie, em um restaurante da cidade.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É, mas ele deve saber dizer isso, né, o próprio Rubens deve saber quem que pagou em dinheiro, não é?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor que intermediou. O senhor intermediou para quem?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, é...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Além do Rubens, que o senhor citou?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Além do Rubens, o senhor falou... Porque, quando a gente intermedia, a gente intermedia pelo menos entre duas pessoas: tem uma de cá e outra de lá. A de cá era o Rubens, e a de lá era quem?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Era uma roda de pessoas que eu não conheço. Nunca vi essas pessoas. Nunca vi essas pessoas.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, entendi. Então, o senhor intermediou para uma outra roda de pessoas. E no dia o senhor ainda foi receber o trio?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, eu não fui receber. Eu estava...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Que era aquela imagem que o Deputado Chico Vigilante passou.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu estava vindo, como o caminho de Águas Claras passa em frente à rodoferroviária, o trio parado, parado, eu parei. Assim, eu parei e mais mil pessoas pararam. E gravei um vídeo, ponto. Nada mais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor abrigou, nos terrenos da sua empresa, algum ônibus para estacionamento? Caminhão para atos pedindo intervenção militar ou atos golpistas?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Nem espaço para isso existe. Não tem espaço.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não tem?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não existe espaço para isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor abrigou pessoas chegando de outros estados?
Não.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. De modo algum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não abrigou em nenhum momento?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Com toda a segurança.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor intermediou as negociações para o trio, que estaria tecnicamente no QG, mas o senhor não conhecia o interlocutor?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não o conheci.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Foi uma intermediação de boa vontade...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX –...mas o senhor não conhecia o interlocutor.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exatamente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não conhece a pessoa que fez o pagamento do dinheiro em espécie ao trio, que supostamente estaria no ato também.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Eu nem sabia desse fato aí, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não sabia?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não sabia, eu fiquei sabendo agora.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É porque a gente também apurou a partir do inquérito...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Do inquérito.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX –... e do depoimento do...

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Rubens.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX –...dono do trio elétrico.

Sobre o dia 12 de dezembro, o senhor tem alguma informação relevante que queira deixar? Dia 12 foi um dia de depredação também, destruição de duas delegacias de polícia. Pessoas que também vinham desses atos, que supostamente eram tão pacíficos, mais uma vez,

depredaram ônibus, carros, destruíram duas delegacias de polícia no DF. O senhor tem algum conhecimento desse dia? O senhor participou do dia 12 de dezembro?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Conhecimento nenhum e participação zero.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Zero. Então, o senhor não conhece ninguém do dia 12? O senhor não conhece o Serere Xavante, uma pessoa que foi presa no dia?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. O índio, não, não conheço. Nunca vi ele pessoalmente, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não conhece.

Está certo, Sr. Adauto, muito obrigado pelos esclarecimentos que o senhor fez à Comissão Parlamentar de Inquérito. A investigação continuará.

Eu queria só concluir as minhas considerações, dizendo que eu acho que é fundamental que esta Casa cumpra o seu papel, cumpra o seu papel de todos os lados – isso é muito importante. Não é nossa atribuição aqui fazer de ofício, e em um depoimento, decreto de inocência ou de culpa de ninguém. O senhor não é culpado e não sai culpado daqui hoje – o senhor é um investigado pela Polícia Civil do Distrito Federal, o senhor agora é um depoente na Comissão Parlamentar de Inquérito –, mas eu também não posso atestar, nesta comissão, que o senhor é inocente, porque nós estamos investigando. O processo é uma investigação. Eu acho que esse é o nosso papel, que nós estamos cumprindo.

Chama muito a minha atenção o fato de, não só o senhor, mas outras pessoas não terem percebido a gravidade do que era o dia 8 de janeiro, mesmo estando lá em um horário de caos. Já era um horário de ataque aos três Poderes da República. Já era um horário, inclusive, na linha do tempo, em que já havia todas as forças de segurança atuando para desocupar os prédios públicos.

Para o senhor ter noção, às quinze e oito, isso estava sendo televisionado, estava no Instagram, estava no WhatsApp; às dezessete e oito, cinco e oito, já tinha havido a demissão do ex-Secretário de Segurança, Anderson Torres; às dezessete e cinquenta, já tinha havido intervenção federal no Distrito Federal. A gente já tinha o Secretário de Segurança Capelli embaixo, comandando as tropas no Distrito Federal. Isso é para o senhor ter noção do tamanho da gravidade daquilo que aconteceu.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu espero que esta CPI seja pedagógica, nunca para cercear o direito à manifestação, mas que ela seja pedagógica para que nós saibamos o nosso papel de defesa da democracia! Se há Deputados aqui – como o senhor disse que elegeu Deputados, que o senhor apoiou, que o senhor votou –, sentados, de todos os matizes ideológicos, eles existem porque há eleição, porque há democracia, porque há participação popular. Não é porque você perdeu o jogo que você tem o direito de tentar dar um golpe de Estado, estimulá-lo ou fazer vista grossa. Porque há gente que fez vista grossa, que foi omisso para a tentativa de golpe de Estado. Então, não adianta sentar na cadeira de Deputado Distrital e não respeitar a democracia deste País.

Esta comissão cumpre um papel que é fundamental, sob a Presidência do Deputado Chico Vigilante, que é defender a democracia neste País, por isso que ela é uma comissão histórica. É histórico o que está acontecendo hoje aqui.

Por último, Presidente, o meu tempo está acabando, mas eu queria fazer um registro em defesa da imprensa e da liberdade de imprensa. Não contem com o nosso mandato para atacar a liberdade de imprensa. O nosso mandato não vai ser cúmplice de ataque à imprensa neste País. A gente sabe como a imprensa tem sido atacada por um setor político da sociedade. A extrema direita ataca, bate. Repórteres eram expulsos do QG do Exército, das manifestações do dia 8 de janeiro, tinham que se fantasiar. Houve uma repórter do *Metrópolis* que foi agredida, no dia 8 de janeiro, porque falou de onde era. Os repórteres de diferentes emissoras têm que tirar... para ficarem com o microfone para fazerem suas entrevistas. Não contem com o meu mandato para atacar a liberdade de imprensa, fotógrafos, jornalistas e pessoas que estavam filmando no dia, tentando atuar para cobrir o que estava acontecendo

naquele dia. O meu mandato não vai ser cúmplice, neste País, de um ataque para tentar silenciar e censurar a imprensa.

Muito obrigado, Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra, por 25 minutos, ao Deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO (PP. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, membros titulares, suplentes desta comissão, assessores, imprensa aqui presente, quero reforçar que também não contem com o meu mandato para atacar a imprensa. O PL das *Fake News* que está no Congresso Nacional não é nosso, não. É da esquerda. Eles que estão defendendo calar a imprensa. Não somos nós, não. Nós também somos favoráveis à liberdade de expressão ao extremo – ao extremo!

Cumprimento todos, cumprimento aqui a imprensa – que tem cumprido um papel extraordinário na nossa Nação, especialmente cobrindo esta CPI –, e todos aqueles que assistem a nós pela *TV Câmara Distrital* e pelas redes sociais.

Eu quero começar dizendo o seguinte: eu tinha nove perguntas. Todas as vezes em que venho para cá, eu tenho o cuidado de me esmerar, de estudar, de preparar. Fiz todo o relatório. Esse caminhozinho que o Deputado Fábio Félix fala que está fazendo, ele sabe que eu sempre fui cuidadoso e fiz isso, porque nós estamos buscando a verdade real.

Nós tínhamos um compromisso que está rompido desde a sessão passada. Todo requerimento nós aprovávamos por unanimidade, Sr. Aduato. É por isso que o senhor está aqui, mesmo sendo eu favorável a não... Eu não queria ter votado favoravelmente ao senhor estar aqui, porque o senhor é investigado pela polícia e eu não vejo necessidade, mas nós fizemos um compromisso e todos foram aprovados por unanimidade.

Na sessão passada, isso foi rompido, porque nós não estamos falando de jornalista. Não é isso. Não é perseguição à imprensa, não. É que aquele cidadão que estava lá, eu não sei se ele é jornalista, se é fotógrafo. É jornalista, mas ele estava lá filmando um ato. Ele tira a foto e, depois da foto, ele vai olhar com o grupo que estava ali perto, com os invasores, que não eram de Brasília, vieram de fora.

Eles estavam lá, olhando para a câmera daquele fotógrafo para ver se a foto ficou boa. Desculpe-me, isso não é papel de jornalista, não! Jornalista é sério, como estes que estão aqui, como esses dias me ligou uma lá, do Congresso Nacional, parabenizando a condução desta CPI, achando que é importante esta CPI compartilhar com a CPMI.

Então, foi feito esse relato. As minhas perguntas vão bater, mas sempre eu produzo alguma coisa que eu acho que é importante demais. Ontem, eu fiquei feliz. O Flávio Dino ontem falou, categoricamente, que ele foi notificado, que ele sabia. E eu estou, desde o começo, falando que a Abin produziu um relatório e mandou para 13 órgãos via Sisbin. E ele estava falando que não sabia, que a polícia não sabia, que o Ministério da Justiça não sabia, mas, ontem, ele falou que sabia.

Pois bem, se eu não estou enganado, essa é a nossa 10ª Reunião Ordinária. Já ouvimos várias pessoas, analisamos documentos e acredito que já temos uma linha de investigação muito bem definida aqui, nesta Casa.

Nobre advogado, parabéns pela sua presença também. Desculpe, eu me esqueci de cumprimentar o senhor, o Sr. Aduato, a Mesa.

E eu considero importante fazer esse registro, Sr. Presidente, porque, ainda em fevereiro, V.Exa. afirmou categoricamente que o nosso trabalho não terminaria em *pizza*. Foi a primeira palavra de V.Exa. quando foi eleito Presidente desta CPI. E, agora, aos dois meses de oitivas e diversos requerimentos aprovados, eu tenho certeza de que a sociedade do Distrito Federal não tem quaisquer dúvidas sobre a seriedade do nosso trabalho.

É natural. Nós vamos defender valores aqui. Aqui tem a Esquerda, aqui tem a Direita. É natural que a gente tenha os nossos embates, mas eu acho que o trabalho desta CPI tem

sido extremamente importante, como eu estou falando para V.Exã. Semana passada, eu recebi telefonemas de dois deputados federais que vão pedir – não sei se já falaram com os senhores – para compartilhar o trabalho que a gente está fazendo.

Então, é muito importante esse relato. E exatamente por esse motivo, e com todo respeito às opiniões divergentes, às vezes, eu tenho muita dificuldade de compreender a convocação ou o convite de algumas pessoas. Mas nós tínhamos um acordo. Vamos convocá-los. Esta tribuna, Sr. Adauto – o senhor está aí –, é o melhor local que o senhor tem – acredito eu –, mais importante que lá na polícia. Porque, na polícia, o senhor é investigado. Aqui, o senhor tem a oportunidade de falar a verdade real e de se defender.

Sem citar nomes, mas eu vi pessoas que já se sentaram aí onde o senhor está e ouvi Deputados falarem comigo depois: “É, eu acho que esse aí não tem culpa nenhuma, não”. Claro que não exarou um juízo de valor, mas exarou um pensamento. E deixa eu deixar claro, art. 5º da Constituição Federal: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”. E, no inciso XVI, vai dizer: “Todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido o aviso-prévio à autoridade competente”.

O acampamento começou como algo pacífico? Discordo. Eu não fui lá. Não me manifestei. Sempre discordei daquilo, porque eu respeito a urna. Posso ter minhas divergências, mas elas não serão colocadas à parte, porque, se eu não respeitasse a urna, eu não respeitaria a minha eleição. A urna que me derrotou três vezes me elegeu na quarta. Mas tudo bem, todos tinham direito. E foi, sim, começou como algo normal, como manifestação, um direito de qualquer cidadão.

Nessa cadeira que o senhor está, na semana passada, estava aqui a Coronel Cintia. Ela disse que havia trezentas pessoas no acampamento, mas havia 5 mil manifestantes, dos quais 150 eram moradores de rua que para lá afluíram porque havia comida. Só aí posso dizer que há 150 inocentes presos, porque patrocinaram a quebradeira lá no Congresso, vieram para o acampamento, e a polícia prendeu todo mundo.

Não tenho dúvida de que há gente inocente presa, não tenho dúvida. E não tenho dúvida ao afirmar, mais uma vez – acho que foi o Deputado Hermeto, nosso Relator, que falou, e o Ministro Alexandre de Moraes também falou isso para nós –, que eu creio que 80% daquelas pessoas que foram presas são inocentes úteis, nem sabiam o que estava lá.

Eu não sou o seu advogado. Eu o conheço. O senhor tem empreendimento na cidade de que fui administrador, gera emprego. Eu imagino a sua cabeça. Vou falar o que falei para outro, não como defesa do senhor, não é isso, a minha função não é essa, mas a minha função é valorizar quem realmente trabalha, quem emprega. A sua posição de vida e a de tantos outros nos orgulha. A gente que veio lá do Nordeste, sem nada na vida, e conseguiu chegar a alguma posição, como é o caso de V.Exã., que chegou a ser um grande empresário nesta cidade, um gerador de empregos... Mas eu fico imaginando a cabeça de V.Exã. hoje. Quem imaginava que uma manifestação ia dar no que deu?

E não venham dizer que o acampamento foi preparatório. Sessenta dias antes, eles estavam lá manifestando. Goste a Esquerda, ou não, estavam orando, rezando. Estavam, sim! Estavam lá pacificamente. Não havia quebradeira.

Ontem eu falava com alguns amigos advogados, discutindo o dia de hoje. Falei: “Gente, se fosse para haver alguma coisa, deveria ter havido no dia 1º, pois era a posse do presidente eleito, do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. Pensava-se que era nesse dia que poderia acontecer algo de horrível. Mas os órgãos sabiam. Os manifestantes que vieram para cá, Deputada Jaqueline Silva, falaram nas redes sociais. Eles vieram em 150 ônibus, 3.900 manifestantes de fora vieram para cá, dizendo que iam invadir os prédios públicos, o Supremo Tribunal Federal, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto. E dizendo que iam agredir autoridades.

O que fizeram as nossas forças? O que fizeram as forças policiais? O GSI? O Ministério da Justiça? Todo mundo ficou inerte. Será que foi um apagão geral? Esta CPI é para isto, para saber se foi por leniência, proposital, ou se foi mesmo um apagão – pode ter sido, não estou falando que não foi –, mas não somos nós que vamos dizer isso, é justamente a polícia, por meio do inquérito, é o Ministério Público.

Exatamente por esse motivo – e com todo o respeito divergente, como falei –, eu tenho dificuldade de analisar algumas coisas. É claro que eu ouvi atentamente as perguntas que foram feitas aqui aos depoentes. E, sinceramente, ainda não identifiquei relação com a investigação que estamos realizando.

Há cerca de 15 dias, eu compartilhei aqui com V.Exas. minha opinião sobre a natureza do nosso trabalho. E acredito que devo retomar alguns pontos. Eu vou falar isso, seja no caminhozinho, porque a ideia é buscar a verdade real. Qual é o sentido do trabalho desta CPI? Qual o seu valor? O que ela busca?

Então, vamos lá. Conforme a redação do art. 70, inciso II, do Regimento Interno desta Casa, uma CPI é uma comissão temporária e, portanto, ela tem um comprometimento de apresentar um resultado na sua investigação ao final do prazo determinado para sua existência.

O art. 72, por sua vez, esclarece que “as comissões parlamentares de inquéritos serão criadas pela Câmara Legislativa, mediante requerimento de um terço de seus membros, para apuração de fato determinado e por prazo certo (...)”.

O art. 73, inciso II, “a comissão parlamentar de inquérito poderá (...) II – determinar diligências, ouvir indiciados, inquirir testemunhas sob compromisso, requisitar (...) informações, documentos e serviços, inclusive policiais, requerer audiência de Deputados Distritais e requisitar a oitiva de Secretários de Estado, autoridades e servidores do Distrito Federal, bem como tomar depoimentos de autoridades federais, estaduais e municipais e do Distrito Federal”. É regimental. Nós temos direito e até dever. O § 2º desse artigo afirma que “as comissões parlamentares de inquérito valer-se-ão, subsidiariamente, das normas estabelecidas no Código de Processo Penal e na legislação em vigor”.

E o art. 74, por sua vez, determina que, ao término dos trabalhos, a comissão apresentará relatório circunstanciado com suas conclusões à Mesa Diretora, ao Ministério Público, ao Poder Executivo, ao Tribunal de Contas do Distrito Federal e, até mesmo, à Polícia Civil do Distrito Federal para instauração de inquérito policial. Esse é o papel desta CPI.

E o que é um inquérito policial? Inquérito policial é um procedimento policial previsto no Código de Processo Penal brasileiro. Eu tenho falado aqui, constantemente, e vou continuar falando: nós precisamos obedecer ao devido processo legal, à presunção de inocência e à individualização da conduta dentro do Código de Processo Penal. Ele não pode ser transgredido sob pena de tornar inválido o trabalho desta comissão. Nós precisamos observar isso.

E o inquérito destina-se a apurar a existência de infração penal, sua autoria, a fim de que o titular da ação penal, que é o Ministério Público, disponha de elemento suficiente para promover a ação.

Portanto, algumas conclusões podem ser extraídas dessa breve fundamentação regimental e jurídica. Eu vou sempre bater nisso aqui, porque eu quero fazer algo em que eu possa colocar com tranquilidade o meu CPF, a minha assinatura, o meu DNA lá no final. Condenar quem precisa ser condenado e cuidar daqueles que são inocentes. Esse é o dever nosso.

Primeiro, uma comissão parlamentar de inquérito é conduzida pelo Poder Legislativo. Segundo, a comissão parlamentar de inquérito não julga e não trabalha sobre hipóteses. Trabalhamos sobre fatos. E, em terceiro, uma comissão parlamentar de inquérito persegue a verdade dos fatos sem juízo de valor, sem ilações ideológicas e, principalmente, obedecendo aos ditames do processo penal e das regras aplicáveis a quaisquer investigações.

Não dá para fazer uma pessoa sentar aí e ela sentar aí culpada. Vigem o princípio da inocência. Eu não entendo por que perguntar se eu dou dinheiro para político. O senhor,

doando dentro da lei, o senhor pode fazer o que quiser na pessoa sua, no seu CPF – não na empresa. Não é objeto desta CPI.

Chamar o povo de terrorista? Terrorista foi do dia 12, quando explodiram caminhão, queriam explodir. Aí, sim, pode ser chamado, mas manifestante, não. Paciência.

Quarto, exatamente por esse motivo, a verdade real é o objetivo maior desta comissão parlamentar de inquérito. Por isso que eu entendo que a gente tem que convocar todos. O senhor tem uma oportunidade ímpar na sua vida sentado aí. E o que realmente foi descoberto nas oitivas realizadas?

Na nossa 2ª Reunião Ordinária, ouvimos o Sr. Fernando de Sousa Oliveira, ex-Secretário Executivo da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal. Eu perguntei ao Dr. Fernando se ele havia recebido informações dos setores de inteligência como Abin, PM, Ministério da Justiça, sobre algumas mudanças de comportamento das manifestações até então pacíficas. E ele me respondeu que todos os canais de inteligência falavam de um ambiente tranquilo e que, na sexta-feira, dia 6 de janeiro, havia trezentas pessoas no acampamento e ainda não havia chegado sequer um ônibus a Brasília.

Estou falando aqui do dia 6 de janeiro, o Presidente já era o Lula. O comando da Nação era dele. Como bem falou o Deputado Hermeto e o Deputado Joaquim Roriz Neto, ele já podia ter desmobilizado aquele acampamento, podia ter acabado com tudo. Ele já era o Presidente, ele já tinha o comando da Nação, ele já estava empossado, já estava dirigindo a Nação. Sessenta dias antes, mais de mil pessoas já compunham o gabinete de transição, o governo de transição. O Sr. Gonçalves Dias já era o indicado para ser ministro do GSI. Eles tiveram todas as informações, todas, todas.

O Dr. Fernando também afirmou aqui, nesta comissão, que o acompanhamento de grupos era feito em tempo real e que apenas no sábado começaram a chegar ônibus. Aqui, no dia 9, nós ouvimos a Sra. Marília Alencar, ex-Subsecretária de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal. O Deputado Hermeto perguntou se ela tinha algumas informações de que a Abin possuía informações do perigo que Brasília corria, e ela respondeu que: "havia trocado informações no sábado pela manhã quando começaram a chegar os ônibus", conforme o depoimento do Dr. Fernando. E da mesma forma, o Serviço de Inteligência do DF havia feito relatório, a Abin também o fizera, e aqui, segundo a Dra. Marília, havia a confirmação de que um grupo ia descer em direção à Esplanada, todos os órgãos sabiam disso.

Além disso, a depoente afirmou que, durante o início da descida dos manifestantes, houve a informação de que eles estavam descendo de forma tranquila. Todavia, lá pelo meio da tarde, começou a circular a informação de que havia pessoas portando estilingue e essas foram imediatamente presas.

Aí eu fiz a mesma pergunta que já havia feito a outros depoentes: a senhora pode afirmar, com certeza, que o grupo envolvido nos ataques era o mesmo grupo que estava acampado em frente ao QG? A resposta dela foi negativa, pois, segundo suas próprias palavras, não havia como fazer essa afirmação.

Na oitiva do Coronel Naime, que sentou aí também, o Presidente desta comissão, Deputado Chico Vigilante, perguntou sobre o relatório de inteligência da data do dia 6 de janeiro, o qual, em resumo, trazia as seguintes informações: circula a divulgação sobre a realização de atos em Brasília entre o dia 6 e o dia 8 de janeiro de 2023, com a vinda de caravanas de outros estados em oposição ao atual governo. O depoente afirmou que não tinha conhecimento desse relatório. Todos que passaram aqui sabiam do que havia possibilidade de acontecer.

Isso posto, não me parece justo e imparcial denominar todas as pessoas que estiveram acampadas de terroristas ou golpistas. Não podemos fazer isso, até porque aí já estaríamos sendo juiz dando sentença. Então, a gente precisa ter bastante cuidado. A nossa posição aqui é extremamente importante na busca da verdade real.

E eu vou continuar dizendo aqui nesta Casa, Sras. e Srs. Deputados, nós precisamos separar o joio do trigo. As pessoas que invadiram e que quebraram a sede dos Três Poderes

foram orientadas a sair pelas portas do Palácio e foram embora. Elas não estão presas.

Aqui foi falado: "Aqui o senhor precisava estar mesmo. Eu vejo que é importante o senhor estar aqui como testemunha". Se formos fazer isso, nós precisaremos trazer aqui mais de 2 mil pessoas, porque havia mais de 2 mil pessoas manifestando na Esplanada dos Ministérios. Todas também são testemunhas. É impossível de fazê-lo. É impossível!

Nós precisamos pegar algumas. Claro, o senhor é indiciado, mas nós precisamos pegar algumas e trazê-las aqui para que possam expor para nós a verdade. É isso que nós buscamos. É isso que a gente está debatendo nesta Casa. Nós não vamos aqui – este é um consenso de todos os membros, titulares e suplentes – perseguir ninguém. Mas nós precisamos descobrir a verdade real de quem fez, de quem patrocinou, para que a gente possa encaixar essas condutas e essas pessoas serem criminalizadas, serem condenadas. Mas o verdadeiro culpado. O inocente não pode pagar pelo culpado.

O senhor tem hábito de participar de manifestações populares, Sr. Aduino?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Como é que é? Não entendi.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor tem hábito de participar de manifestações populares?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Excelência... é... Foi a primeira vez na minha vida. Primeira vez.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Nunca participou de outras?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca antes. Nunca.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Muitas perguntas serão repetidas. Esta já foi feita, mas eu quero refazê-la: onde o senhor estava no dia 12 de dezembro?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Eu estava em Brasília. Eu não lembro exatamente onde.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não estava em nenhum lugar de manifestação?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Esplanada?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – QG?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Onde o senhor estava no dia 8 de janeiro?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Estava na roça. Cheguei às 16h15min em Águas Claras e fui lá no dia 8 depois desse horário.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor tinha em mente que haveria ou poderia haver ato de vandalismo e invasão dos prédios públicos? O senhor tinha noção ou o senhor tinha alguma informação de que isso ia acontecer?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nunca imaginei isso. Não sonhava que ia acontecer isso.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor falou que foi três ou quatro vezes ali ao QG.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – QG.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Então, eu estou tranquilo para fazer esta pergunta, porque eu nunca fui lá: quando o senhor foi lá, o senhor foi para fazer uma manifestação pacífica, para pedir para o Presidente Lula não assumir ou para praticar um ato terrorista? Qual era a sua ideia ao estar lá?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – A minha ideia era uma manifestação pública pacífica. Um protesto mesmo, só protesto. Mas nunca para... para dar golpe, nunca para... é... vandalizar nada. Era só um protesto, nada mais que um protesto.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor entrou em algum prédio que foi invadido ou fomentou, de forma direta ou indireta, alguma invasão?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Em hipótese alguma, não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor imaginava que aquela ação pacífica pudesse ser considerada ato terrorista? O senhor tinha perspectiva disso?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Eu confesso que... O que eu imaginei dessas três ou quatro vezes que eu estive lá? O que eu pensei? Isso vai... O pessoal vai embora, vai embora e acabou. Pessoal vai desistindo, vai desanimando. Muita chuva na época, não é? Tinha muito sofrimento lá, muita gente sofrendo, passando dificuldade. Eu imaginei que iam apenas embora e acabava ali, do QG, não é?

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Eu faço essa pergunta porque eu fico imaginando a cabeça do empresário. O senhor é empresário. Bem-sucedido. Se há uma manifestação e se a manifestação é pacífica, Deputados, o que impede alguém de doar água, suco, refrigerante, carne? Isso é crime?

Quando o MST se manifesta, quem patrocina? Eles não bebem? Eles não comem? Eles não tomam água, suco, refrigerante? Não estou aqui acusando-os de crime, não. Não é isso, não. É porque não pode ter dois pesos e duas medidas. Muitas vezes, fico estarecido. Essa é a palavra que eu falo, gente. Porque parece que só há um lado. Parece que esse lado já é condenado. Não será! Quem vai ditar a condenação é o Ministério Público e a Justiça! Não somos nós! Nós vamos investigar, nós vamos inquirir para buscar a verdade real, mas precisamos ter esse sentimento de que se uma manifestação começa pacífica, pode ser pacífica! Essa se transformou num ato horrível! Mas é lá nesse ato de baixo que a gente tem que se atentar! Não àquelas pessoas que estavam no acampamento, sessenta dias antes!

Eu não entendo por que esses empresários que fizeram qualquer tipo de doação ou de patrocínio possam ser enquadrados como patrocinadores de terrorismo nesta Nação!

O senhor estava patrocinando terrorismo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Jamais.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Mais ou menos, o senhor doou quanto aí? O senhor tem noção?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – R\$1.210,00 (um mil, duzentos e dez reais).

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Ao todo, foram R\$1.210,00 (um mil, duzentos e dez reais)?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Foram R\$1.210,00 (um mil, duzentos e dez reais).

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor doou R\$1.210,00 (um mil, duzentos e dez reais) para um grupo de pessoas praticar terrorismo em Brasília e derrubar o Presidente eleito? Foi isso?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – (Risos.) Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não foi não, né? O senhor tinha arma na cintura?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor tinha uma metralhadora, um canhão? O senhor tinha, pelo menos, uma faca?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nada.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor portava que tipo de arma?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Arma?

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – É.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Nenhuma. (Pausa.)

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Terrorismo. (Risos.)

Essa narrativa a gente precisa mudar. Essa narrativa nós precisamos mudar. Não pode. Uma pessoa aqui não pode ser convocada, intimada, ou convidada a vir a esta Casa, sentar-se à tribuna, e já partirem do princípio de condenação. Não estou defendendo o senhor, não. Estou falando para todos. Quem se sentar aí vai ouvir, de minha parte, isso. Quem se sentar aí tem que se sentar sob o princípio da inocência. Uns são investigados, como é o seu caso. Outros nem são investigados ainda, como será o caso do Coronel Klepter, que vai se sentar aí e cuja convocação hoje aprovamos.

Não dá para a gente partir do princípio de tentar já macular alguém, senão a gente não busca o que quer: a verdade real. O que nós queremos é a individualização das condutas, para que obedeçamos ao devido processo legal, ao princípio da individualização da pena, ao direito à ampla defesa e ao contraditório, de quem quer que seja.

Falo que nós tivemos uma ruptura – vamos conversar sobre isso – porque acho que todos devem vir aqui. Aqui é o lugar onde a pessoa se defende e de onde vamos poder indicar, para a polícia, se ela cometeu um crime ou se não cometeu.

Obrigado, Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por 25 minutos, a Vice-Presidente desta Comissão, Deputada Jaqueline Silva.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA (Sem partido. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, meu Presidente.

Quero cumprimentar o Sr. Adauto e, em sua pessoa, todos os advogados que estão acompanhando o senhor e todas as pessoas presentes a este plenário.

Quero comungar aqui, Deputado Pastor Daniel de Castro, do sentimento que, tenho certeza, não é só do senhor, mas de todos os Deputados desta comissão, no sentido, Sr. Adauto, de deixar claro que nós não estamos aqui para julgar ninguém, mas nós também não podemos ser omissos.

E tem sido muito difícil, em especial para mim, Jaqueline Silva, perceber o quanto, Deputado Chico Vigilante, esse ato terrorista que aconteceu tem abalado e tem chegado num universo que a gente jamais imaginou.

Nós estamos aqui com um empresário, gerador de empregos, que cuida de famílias e que, infelizmente, pelas circunstâncias, está aqui num momento super desagradável.

Eu tenho certeza de que nenhum Deputado está confortável, Sr. Adauto. A gente quer receber os empresários, nesta Casa, para auxiliá-los, mas, infelizmente – infelizmente –, isso tudo aconteceu, e o senhor está aqui. Que isso possa ser, Sr. Adauto, um aprendizado para todos nós, sabe?

Eu já falei há alguns dias com outro depoente. Nós aqui – eu tenho certeza de que são todos os Deputados – somos, sim, a favor da manifestação, mas de forma responsável. Talvez esse tenha sido o problema número 1 de estarmos aqui.

Então, o que eu peço – e tenho dito sempre – é que esta comissão, que esta Casa seja justa. Que a gente dê, sim, condições, como estão sendo dadas, nesta manhã, para o senhor falar, para o senhor trazer para a gente as dúvidas. Inclusive, muitas dúvidas que eu tinha já foram sanadas. Mas que possamos refletir sobre os nossos atos.

Eu já tive, como eu disse, algumas perguntas já sanadas, mas eu percebi que, em uma pergunta que o Deputado Fábio Félix fez para o senhor, o senhor deixou claro que o senhor não teria feito nenhum aporte financeiro, que o senhor não teria feito nenhum pagamento para esse trio elétrico. Certo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Certo.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Mas, de alguma forma, o senhor disse que o senhor auxiliou nesse acordo. Certo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Certo.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – A minha pergunta é: Por acaso, o senhor tinha ciência do conteúdo que seria falado nesse carro de som, Sr. Aداuto?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, não.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – O senhor sabe o que iriam falar, quem eram as pessoas que estariam controlando esse som?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não. Não tinha ciência.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – O senhor não tinha ciência disso.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – O senhor entrou no intuito, de alguma forma, de auxiliar nesse acordo financeiro do valor a ser pago sem pagar, sem contribuir em nada.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Exatamente.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – E o senhor também não tinha ciência do que iria ser dito em cima desse trio elétrico. Certo?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não tinha consciência.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Para fechar, a minha única dúvida que eu tenho pendente ainda: o senhor esteve presente no ato. O senhor esteve lá.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Do dia 8?

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Isso. Do dia 8.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Estive.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Esteve.

Por acaso, Sr. Aداuto, em algum momento, o senhor fez algum tipo de indução, para que os seus colaboradores também estivessem presentes?

Acho que é importante a gente falar isso, até porque a gente está falando aqui de um grande empresário que gera empregos, que tem o seu direito de manifestar. É importante que esta Casa também saiba disso.

O senhor, em algum momento, convidou, o senhor induziu, o senhor fez algum tipo de comentário para que os seus colaboradores também estivessem presentes?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não, Excelência. Tanto é que eu fiquei sabendo, no dia 8, às dezesseis e quinze, por aí. Eu não faria isso, né? A gente não... A gente não faz isso. Empresa não mistura, né? Eu não peço voto para funcionário. Eu posso até levar um candidato a Deputado para andar. "Vamos andar", o Deputado, o candidato quer: "Aداuto, eu quero te visitar". Eu não faço mais café da manhã para reunião. Não pode. Empresa não pode parar, né? A prioridade da empresa é o cliente, né? Você não pode parar a empresa com o cliente esperando na frente do caixa para pagar a conta, na frente do açougue, na frente da padaria. Não pode. Você libera para que o candidato ande na empresa, mas eu não peço voto para funcionário. Não faço nada, nada. A gente não pode fazer isso. Não pode. Isso é... É até contra a lógica do empresário, né? Você não pode misturar as coisas.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Está certo.

Eu agradeço a sua resposta, parablenizo-o por essa conduta. Fica claro, então, que o senhor esteve presente, mas que o senhor não fez nenhum tipo de indução para que seus colaboradores estivessem lá.

Volto a dizer, Sr. Aداuto: espero, de verdade, que a gente possa concluir esse trabalho. Como eu disse, é um trabalho responsável, por meio do qual a gente precisa, sim, auxiliar no sentido de buscar as informações.

Espero, de verdade, que a gente possa superar todo esse processo difícil para o senhor, para a sua empresa, mas também para esta Casa.

Nossa função, como eu disse, é estar aqui na posição de auxiliar, trazendo justiça e não julgando ninguém. Mas também não podemos ser omissos.

Presidente, são só essas as minhas dúvidas.

Muito obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado, Deputada Jaqueline Silva.

Concedo a palavra ao Deputado Robério Negreiros, por 25 minutos.

DEPUTADO ROBÉRIO NEGREIROS (PSD. Sem revisão do orador.) – Eu já me dou por atendido com as perguntas que foram feitas. Sem perguntas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado a V.Exa.

Concedo a palavra ao Deputado Thiago Manzoni, por 15 minutos.

DEPUTADO THIAGO MANZONI (PL. Sem revisão do orador.) – Bom dia, Deputado Chico Vigilante. Bom dia, Sr. Adauto, nossos colegas que estão aqui, pessoal da imprensa que está ali atrás nos acompanhando.

Estou satisfeito também com as perguntas que foram feitas.

Vou começar pelo *outdoor*. Algumas vezes eu contribuí financeiramente para colocar *outdoor* na cidade. Em um deles, estava escrito: "Sonhe". Nós o colocamos no Jardim Botânico, em Águas Claras, na saída do *Park Way*, porque achávamos que aquilo era importante para a cidade e para as pessoas que iam passar por ali.

No outro, havia a cruz e algumas palavras que eu não lembro quais eram, mas eram para tocar no coração de quem passasse ali.

Perguntaram aqui se o senhor contribuiu com o *outdoor* em que estava escrito "Deus, Pátria, Família" e as cores da bandeira do Brasil. São bons conceitos, são boas palavras: "Deus, Pátria, Família". Eu abraço todos eles.

Um *outdoor* com a bandeira do Brasil muito me agrada. Se pudesse, eu mesmo colocaria um monte de *outdoor* em Brasília com a bandeira do Brasil. A bandeira do Brasil nos enche de orgulho, de esperança.

Meus colegas que me antecederam já falaram também. Doação de campanha não tem nada de mais. Se não fossem as doações de campanha, nenhum de nós faria campanha. Hoje só a pessoa física pode doar. Não tem nada de mais. É um direito. Doa quem quer. É uma das poucas liberdades que o brasileiro ainda tem.

Algumas das perguntas que foram feitas para o senhor são até irrelevantes para o objeto da CPI. Esta CPI investiga os atos que aconteceram em dois dias: no dia 12 de dezembro de 2022 e no dia 8 de janeiro de 2023. *Outdoor* não tem nada a ver com isso. Doação de campanha não tem nada a ver com isso.

Eu não vou repetir aqui as palavras que falei para o seu sócio, o Sr. Joveci, mas, depois, se o senhor tiver paciência, entre no canal do YouTube e dê uma olhada. Eu repetiria todas elas para o senhor também. Obrigado pelos 1.539 empregos que o senhor gera, por fazer a nossa economia girar etc.

A sensação que tenho, Deputado Hermeto, é que algumas vezes a gente está partindo de uma premissa equivocada e está chegando a uma conclusão equivocada. A única razão para a gente chamar o Sr. Adauto aqui, hoje, é porque há um conceito, há uma espécie de premissa que foi pré-estabelecida, na qual a gente está acreditando que pessoas que estiveram na manifestação em frente ao Quartel-General são as causadoras dos atos do dia 8. E essa premissa é falsa.

Quando a Coronel Cintia esteve aqui, ela falou, de maneira categórica, que, no dia 7 de janeiro, se a minha memória não está me traindo, só havia 300 pessoas lá, das quais 150

eram pessoas em situação de vulnerabilidade social que estavam lá porque havia comida de graça. Ou seja, a premissa de que, daquela manifestação pacífica e constitucional, decorreram os atos do dia 8 é falsa. As manifestações em frente aos quartéis-generais não foram a causa dos incidentes do dia 8. Não eram sequer as mesmas pessoas.

A Coronel Cintia falou assim: desceram entre cinco e seis mil pessoas. Só havia trezentas. Ou seja, não são sequer as mesmas pessoas. E as pessoas que passaram por aquela manifestação no Quartel-General, como é o caso do nosso interrogado hoje, algumas delas foram para lá por acaso, como é o caso dele. Ele falou: "Pô, eu estava na roça. Estava na roça, fui lá e vi. Ih! Estão quebrando tudo". Foram embora para casa. Pegou a noiva e foi embora. São pessoas completamente diferentes.

Houve gente que veio para Brasília com o intuito, parece-me, de, enfim, alcançar algum objetivo, mas não era o objetivo daquela manifestação.

Então, a gente não pode estabelecer esta premissa de que as pessoas que estavam naquela manifestação deram causa aos atos do dia 8, porque isso não é verdade. Simplesmente não é verdade.

O Deputado Fábio Félix, quando me antecedeu, falou que a sua vinda aqui, Adauto, é muito importante, porque o senhor foi testemunha ocular do que aconteceu lá. Honestamente, eu não acho que tenha muita relevância para o processo investigativo a sua vinda aqui. De toda sorte, se é verdade que a sua vinda aqui é importante porque você presenciou, acho que seria coerente a gente ouvir também o fotógrafo que a gente tentou ouvir, que estava tirando as fotos lá, porque ele também é testemunha ocular. E não se trata de desrespeitar a imprensa, não se trata de atacar a imprensa. Não é nada disso. A imprensa cumpre um papel fundamental em todo país livre. Em todo país livre, a imprensa é fundamental, a liberdade do jornalista é fundamental. Isso é um princípio do qual nós nunca abriremos mão. Mas é necessário que a gente o chame para depor sobre aquilo que ele viu, que ele presenciou, o que ele viu lá dentro, as coisas que aconteceram. Nós queremos saber. Nós precisamos saber.

Então, ficam esses pequenos apontamentos. Espero que, ao final de tudo, essa apuração... Até estava aqui conversando com o Deputado Hermeto, nosso Relator, que a apuração que a gente faz aqui, a impressão que eu tenho é que, em relação a outros órgãos que estão fazendo a mesma investigação, como o Supremo Tribunal Federal, a Polícia Federal, essa investigação aqui é superficial. Certamente a investigação do Supremo é muito mais aprofundada, a investigação da Polícia Federal é muito mais aprofundada e, certamente, as informações que nós vamos recolher desses órgãos vão ser muito úteis para o nosso relatório, para a votação do nosso relatório.

Mas espero que ao final de tudo isso, quer aqui na CPI, lá na CPMI, na investigação do Supremo, etc., o Brasil continue a ser um País livre, com o seu estado de direito preservado, com a liberdade das pessoas de se manifestarem, de dizerem o que pensam independentemente do que seja. Com o direito de criticar, inclusive as instituições. Inclusive o processo eleitoral. Não há crime nenhum em se criticar o processo eleitoral, não há crime nenhum em que a sociedade, o cidadão brasileiro pleiteie maior transparência no processo eleitoral. Isso não é crime.

O que nós queremos é fortalecer a nossa democracia. Não há crime nenhum em se demandar que haja um processo auditável das eleições, para que, em havendo dúvida se o Deputado Thiago Manzoni, só a título de exemplo... vai que o Deputado Thiago Manzoni não teve os 25.554 votos que a urna apresentou? Tem que poder auditar. Isso não é crime. Não é crime.

Então, que a nossa democracia seja fortalecida, que o nosso estado de direito seja fortalecido.

Agradeço-lhe pela presença, Sr. Adauto; agradeço-lhe pelas respostas esclarecedoras.

Agradeço-lhe pelo tempo disponibilizado, Presidente Chico Vigilante, e desejo um bom dia de trabalho a todos.

Obrigado.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Obrigado, Deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado, Deputado Thiago Manzoni.

Está com a palavra, por 15 minutos, a nossa Deputada Suplente Paula Belmonte.

DEPUTADA PAULA BELMONTE (CIDADANIA. Sem revisão da oradora.) – Bom dia a todos, que Deus nos abençoe.

Sr. Presidente, quero iniciar minhas palavras aqui cumprimentando o senhor e o Relator em um posicionamento de defender que, nos quinze minutos que eu tenho, eu possa falar o que eu quero falar. É democrático, é assim que a gente trabalha com o contraditório.

Aqui, hoje, foi feito um comentário, e para mim é surpreendente um Parlamentar que fala tanto da democracia, das minorias, tentar cercear a minha palavra e a palavra de qualquer Parlamentar dizendo o que tem que ser falado, como tem que ser questionado e se eu tenho que questionar.

Então, eu quero registrar o seu posicionamento. Espero que o senhor continue exercendo aqui, neste Plenário, a democracia, garantindo a todos nós a palavra.

A função de um Parlamentar aqui, que me cabe, eu eleita Deputada pelo Distrito Federal, é defender, sim, a sociedade; é defender, sim, o cidadão de bem; é defender, sim, o gerador de empregos; é defender, sim, o trabalhador; é defender, sim, a nossa família; é defender, sim, a senhora que fica dentro de casa; é defender, sim, o Policial Militar; é defender o Brasil. Essa é a minha função.

Como foi dito aqui e eu já disse algumas vezes, eu não tenho político de estimação. Eu tenho princípios e valores balizadores da nossa conduta como Parlamentar.

Aqui foi falado muito a respeito da convocação, de pessoas que são necessárias, que nós não temos... que vamos ouvir a todos. O senhor mesmo, no início da sua palavra, no primeiro dia, disse que esta CPI, doa a quem doer, vai escutar.

Eu registro que, na semana passada, fiz um requerimento de convocação para o Sr. Adriano, que estava, sim, lá dentro, sendo testemunha dos atos de vandalismo, e esta Presidência, junto com outros Parlamentares, negou esse requerimento.

Aí eu pergunto: cadê a coerência desses Parlamentares? Cadê a coerência para que esta CPI não vire *pizza*? Cadê a coerência para que realmente, doa a quem doer, possamos trazer pessoas aqui, ouvi-las e fazer o que tem que ser feito?

Aqui o Deputado Joaquim Roriz Neto falou a respeito das perguntas como se fossem um ato confessional. Eu não vou dizer que é confessional, não. Eu vou dizer que foi inquisitório. Inquisitório. O inquisitório normalmente é feito por países que querem reprimir o sentimento das pessoas, reprimir a vontade das pessoas.

Traz-me muita tristeza, Sr. Adauto, como Parlamentar, mas, especialmente como mãe, como mulher e como cidadã, quando o senhor fala que se arrependeu de participar das manifestações. Por quê? Muitos que estão aqui, principalmente os partidos da esquerda, fazem convocação para manifestação. Nós não podemos deixar a nossa população com medo de se manifestar.

Aqui eu aproveito esta oportunidade, estes meus quinze minutos a que tenho direito como Parlamentar, como representante da sociedade. Eu convoco todo brasileiro, toda brasileira, todo jovem, para que a gente ame este Brasil, para que a gente preserve a liberdade.

Nessa semana, tentaram dar um golpe verdadeiro na nossa liberdade com o PL nº 2.630. O Ministro do GSI falou que era motivo de segurança nacional. Cadê os Parlamentares que defendem a nossa liberdade, a democracia, quando estão tentando dar um golpe na liberdade do brasileiro, quando estão tentando passar uma versão de que é proibido se manifestar? Não é proibido se manifestar. O que é proibido é nós fazermos atos de vandalismo. Que todos os vândalos que estejam lá paguem verdadeiramente por aquilo. Aqui ninguém está defendendo isso. Muito pelo contrário, vamos atrás. Mas colocar aqui um

inquisitório, gerando... O senhor votou em quem? É um problema do senhor em quem o senhor votou. O problema é do senhor, não é nem meu. Mas cada um responde pelo que faz e seja coerente com as palavras.

Muitas vezes, eu vejo aqui Parlamentares, a defesa... Aqui é o lugar da defesa, aqui é o lugar da expressão. Eu estou aqui, como Deputada Distrital, para defender o que eu acredito, porque as pessoas me elegeram. Eu as represento. Nós não podemos achar que isso é brincadeira. Nós não podemos achar que a manifestação não seja um direito.

Eu aproveito para ler aqui um histórico: As tentativas para que os militantes deixassem a área começaram desde o dia da montagem do acampamento, quando os policiais militares e federais atacaram, reprimiram os manifestantes. Já no dia seguinte, a Justiça do Paraná expediu – desculpa, mas eu esqueci os meus óculos – uma autorização para manifestação no local, pedindo a retirada dos manifestantes do local para mudança. Desde o início do acampamento, no bairro de Santa Cândida, mais de 7 mil pessoas passaram pelo local. Fizeram vigília, receberam visitas de deputados, senadores, sete governadores, além de personalidades e cantores. Não tem aqui, inclusive, o nome das pessoas, porque eu não vou colocar. Moradores do bairro também se solidarizaram com o acampamento fornecendo mantimento e estrutura para os militantes. Sabe quanto tempo eles ficaram aqui, Deputado? Foram 580 dias acampados na frente da Polícia Federal de Curitiba, contra um ato. O Presidente Lula, um ex-presidiário, foi condenado em três instâncias. Quando a gente diz que o STF anulou, ele não anulou. Ele não anulou o mérito. Significa que as provas que foram concebidas nas três instâncias não foram anuladas.

Então, eu convoco todo brasileiro de bem que não tenha medo, porque estamos lutando. Há muitos Parlamentares aqui que querem, sim, lutar pela verdadeira democracia; querem, sim, lutar pela verdadeira liberdade. Eu convoco, sem medo de falar, convoco todos os brasileiros. Vamos, sim, fortalecer a nossa Constituição Federal; vamos, sim, fortalecer a nossa liberdade. Vamos dizer não ao PL nº 2.630. E vamos dizer sim ao amor ao Brasil.

Parabéns, Sr. Adauto, porque o senhor fez o que um cidadão que ama o Brasil tem que fazer: apoiar um ao outro brasileiro. Não tenha medo. O que nós precisamos deixar registrado aqui é que aqueles vândalos têm que estar aqui nessa cadeira. Os testemunhos dos vândalos têm que estar aqui nessa cadeira. Quem serviu água aos vândalos tem que estar aqui nessa cadeira, porque foi isso que apareceu nas imagens. Os comandantes do GSI servindo água aos vândalos, com checagem, inclusive, se a imagem ficou bonita, se o chute ficou bem equilibrado. Aqui a gente está falando de uma pessoa que foi chamada por causa da bandeira brasileira, como disse aqui o Deputado, *outdoor* falando de Deus, pátria e família. Eu já aplaudi muitos que estiveram aqui. E eu aplaudo o senhor também. (Palmas da oradora.).

Deus, pátria e família. Que todos os brasileiros se unam a esse mantra, que é um mantra sagrado para todos nós.

Muito grata, Sr. Presidente. Muito grata, Sr. Adauto.

Quero dizer que estou deixando cinco minutos. É um direito meu, como Parlamentar, falar o que eu tenho que falar, falar o que eu sinto falar e ninguém aqui vai me calar, ninguém aqui vai dizer o que eu vou dizer. Ninguém. Só a minha consciência e Deus. Que Deus os abençoe.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sr. Adauto, verificando aqui os documentos... O senhor conhece o Sr. Luís Filipe de Sousa Sisson?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Luís Filipe? Não me lembro. Não me recordo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não se recorda dessa pessoa?

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Essa pessoa contribuiu com R\$16.000,00 para aquele trio Coyote que foi contratado.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Não conheço.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu tenho a relação de todo mundo

que contribuiu. Era um negócio interessante. Tinha dia que eles arrecadavam R\$30.000,00 com a maior facilidade. Acho que a igreja, por exemplo, do Bispo Renato não tem a facilidade de arrecadar desse jeito, não é? Bispo Pastor Daniel de Castro. É que o Renato é meu amigo, Bispo. Não que você não seja.

Sr. Aduino, eu quero agradecer a sua presença aqui. Quero dizer aos integrantes da CPI e à população que está assistindo que hoje nós recebemos aqui a visita de integrantes do Exército brasileiro, que vieram em nome do Comandante-Geral do Exército, General Tomás. Portanto, isso demonstra, Deputado Pastor Daniel de Castro, a importância que esta CPI está tendo.

A cobertura que a imprensa local e nacional tem dado é algo muito positivo e verdadeiro. Eu recebi também um telefonema da *TV Al Jazeera*, uma das mais importantes na Europa e no Oriente Médio. Eles estão vindo aqui e vão cobrir... Vão querer entrevistar a CPI também. Estamos colocando todo o material que temos no *site*.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ainda não, mas todo o material está no *site*. Quem quiser pode compartilhar. Se a CPMI quiser, estamos à disposição para fornecer o que a gente tem. Aqui não temos nada para esconder e nem acobertar nada de ninguém. Esse é o trabalho.

Portanto, Sr. Aduino, eu quero agradecer a sua presença, a presença dos seus advogados, os quais a gente faz questão que estejam aqui. Desde o primeiro momento eles já viram como a gente trabalha. O tratamento que a gente tem com os advogados, que é de urbanidade. É obrigação nossa ser educado com as pessoas. Portanto, eu agradeço mais uma vez a sua presença.

SR. ADAUTO LÚCIO DE MESQUITA – Obrigado, Deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está encerrada a reunião de hoje.

(Levanta-se a reunião às 12h31min.)



Documento assinado eletronicamente por **MILENE DE ALENCAR FERNANDES - Matr. 13109, Consultor(a) Técnico - Legislativo**, em 05/05/2023, às 14:43, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516, Chefe do Setor de Taquigrafia**, em 05/05/2023, às 15:29, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
Código Verificador: **1156356** Código CRC: **41BA4230**.

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, Piso Inferior 1, Sala TI-3– CEP 70094-902– Brasília-DF– Telefone: (61)3348-9241
www.cl.df.gov.br - setaq@cl.df.gov.br

00001-00008706/2023-96

1156356v10